

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA  
Centro de Ciências da Educação – CED  
Curso de Pós-Graduação em Educação**

**RICARDO CASARINI MUZY**

**Através das Lentes: A fotografia como  
instrumento educativo e elemento de  
construção dos sujeitos**

**Florianópolis (SC)**

**2012**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA**  
**Centro de Ciências da Educação – CED**  
**Curso de Pós-Graduação em Educação**

**RICARDO CASARINI MUZY**

**Através das Lentes: A fotografia como  
instrumento educativo e elemento de  
construção dos sujeitos**

Dissertação apresentada  
ao colegiado do PPGE  
*como requisito parcial à  
obtenção do grau de  
Mestre em Educação*  
**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dra.  
Luciane Maria Schindwein

Florianópolis (SC)

2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Muzy, Ricardo  
Através das Lentes: A fotografia como instrumento  
educativo e elemento de construção dos sujeitos  
[dissertação] / Ricardo Muzy ; orientadora, Luciane  
Schlindwein - Florianópolis, SC, 2012.  
200 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-  
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Uma experiência de uma investigação-  
intervenção, feita através de oficinas de fotografia com  
crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma  
escola pública na cidade de Florianópolis e com dois grupos  
de jovens de 17 a 29 anos, de duas diferentes regiões do  
Estado de Santa Catarina. I. Schlindwein, Luciane. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em Educação. III. Título.

## **RESUMO**

A proposta é investigar as possibilidades do uso da fotografia como instrumento em processos educativos de crianças e jovens. Foram investigadas as possibilidades do uso da fotografia como instrumento educativo e elemento de construção das crianças e jovens envolvidos no processo. A pesquisa se constitui em uma experiência de uma investigação-intervenção, na qual foram realizadas oficinas de fotografia com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública na cidade de Florianópolis e com dois grupos de jovens de 17 a 29 anos, de duas diferentes regiões do Estado de Santa Catarina. Estes jovens estavam envolvidos em um projeto de uma entidade de assistência. O trabalho está ancorado e se estrutura principalmente nas propostas da Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, Filosofia da Libertação, de Enrique Dussel,

Jornalismo Libertador, de Elaine Tavares, na Pedagogia de Simón Rodríguez e ainda, nos pressupostos da mídia-educação. Os resultados indicaram que, tanto no ambiente escolar, como no espaço de formação assistencial, a fotografia não se constituía em ferramenta de captura e análise da realidade. As análises indicam ainda, que a fotografia pode ser um poderoso instrumento no processo educativo de crianças e jovens. Compreender esse fazer e dele se apropriar pode também transformar a relação na sala de aula, aproximando o educador da realidade concreta do educando, fazendo com que o processo educativo aconteça de forma fluida e natural.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Processos educativos; Crianças; Jovens; Emancipação; Fotografia

## **ABSTRACT**

The proposal is to investigate the possibilities of using photography as a tool in the educational process of children and youth. We investigated the possibilities of using photography as a tool for education and development of children and young people involved in the process. The work constitute an experience of a research-intervention, which were conducted photography workshops with children that study in the early years of elementary school at a public school in the city of Florianópolis and with two groups of young people aged 17 to 29 years. These young people were involved in a project of social care. The work is anchored mainly on the structure and motions of Pedagogy of the Oppressed, Paulo Freire's Philosophy of Liberation by Enrique Dussel, Liberator Journalism , Elaine Tavares, in the Pedagogy of Simón Rodríguez and also in the

assumptions of media educational. The results indicated that both the school setting, as space training assistance, the photograph does not constitute tool for capturing and analyzing reality. The analyzes also indicate, that photography can be a powerful tool in the educational process of children and youth. We understand that the use of fotografe can transform the relationship in the classroom. Can the teacher approaching the reality of the student, making the educational process happens smoothly and naturally.

**KEY-WORDS:**

Educational processes; Children, Youth; Emancipation; Photography



## Sumário

<b>1. – Introdução.....</b>	<b>11</b>
1.1 –Meu Lugar – Seguindo a Barca...21	
1.2 –Criança e Infância.....27	
1.3 - As Oficinas.....32	
<b>2. – Objetivo Geral.....</b>	<b>35</b>
2.1 – Objetivos Específicos.....	35
<b>3. Hipóteses de Trabalho.....</b>	<b>36</b>
<b>4. Fotografia, Filosofia e Pedagogia:     uma problematização possível.....</b>	<b>37</b>
<b>5. Estudos sobre a fotografia.....</b>	<b>58</b>
<b>6. O Caminho da Pesquisa.....</b>	<b>69</b>
<b>7. Revisão de     Literatura.....</b>	<b>81</b>
<b>8. Desvio e Oportunidades - Oficina da     Cáritas.....</b>	<b>93</b>
<b>8.1- Projeto FOORTEES - Fortalecendo     Experiências de Economia Solidária em     Santa Catarina.....</b>	<b>97</b>

8.2- A Cáritas.....	98
8.3 - As oficinas.....	98
<b>9 - Oficinas com crianças Escola Professor Anísio Teixeira.....</b>	<b>148</b>
<b>9.1 - Chegada à escola.....</b>	<b>149</b>
<b>9.2 - “Prática de Ensino, Imaginação e Arte no Desenvolvimento da Consciência Crítica”.....</b>	<b>150</b>
<b>9.3 - Fotografia 1º ano.....</b>	<b>151</b>
9.4 - 1º ano – segundo encontro.....	153
9.5 - 2º ano – primeira etapa da oficina.....	165
<b>10 – Considerações Finais.....</b>	<b>173</b>
<b>11 – Bibliografia.....</b>	<b>192</b>

## **Introdução**

Tem sido recorrente, neste início do século XXI, no campo da educação, os estudos sobre as novas tecnologias e os impactos que vêm causando no processo educativo. A cada ano cresce o número de estudos que abordam a emergência de uma sociedade em rede, como bem anuncia Castells (1999). Reflexões são publicadas sobre a Internet, o Twitter, Orkut, o Facebook, a televisão interativa, o mundo digital e toda uma sorte de debates sobre a influência destas novas mídias/tecnologias na vida de crianças, jovens e até adultos. E, se observarmos a realidade latino-americana esta questão ganha novos contornos. Neste espaço geográfico do sul do mundo – incluindo nele o Brasil – as disparidades sociais são gritantes. Nas escolas públicas de comunidades empobrecidas, no começo da segunda década do século XXI, milhões de

crianças e jovens ainda não têm acesso a todas essas novas tecnologias.

Dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil, em parceria com a Casa Civil, órgão do Governo Federal indicam que 47% dos brasileiros nunca usaram um computador e 55% nunca acessaram os serviços da internet. ([www.republicabrasil.com](http://www.republicabrasil.com), acesso em 18-04-2012).

Uma pesquisa sobre uso das tecnologias da informação e da comunicação por crianças no Brasil, realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação ([www.cetic.br](http://www.cetic.br)), avaliou a posse e o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) entre crianças de 5 a 9 anos em todo o território brasileiro. Segundo dados da investigação, apesar de uma expressiva proporção de crianças brasileiras usarem computadores, o acesso à Internet ainda é pequeno. A pesquisa revelou que 57% das crianças já usaram um computador, mas

somente 28% afirmaram ter usado a Internet. “Nas faixas de renda mais elevadas, essa diferença é proporcionalmente menor, o que sugere que a renda explica parcialmente esse fenômeno” ([www.cetic.br](http://www.cetic.br), acesso em 18-05-2012).

Sobre o local de acesso à internet pelas crianças, a pesquisa realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação mostra o papel secundário representado pelas escolas no acesso aos computadores e à Internet. Somente 14% citaram a escola como o lugar onde a utilizam com mais frequência. Até mesmo as “lans-houses” registraram um resultado mais significativo neste indicador (17%). Os resultados revelam a importância do uso domiciliar: 49% declararam utilizar a internet em casa e 46% afirmaram ser a residência o lugar onde mais se utiliza a internet ([www.nic.br](http://www.nic.br), acesso em 18-06-2012).

Os dados revelados por estas pesquisas indicam que isso também tem relação direta com o papel do Estado e a responsabilidade deste com as classes sociais em situação de vulnerabilidade, já que seria o Estado o responsável por promover o acesso às novas tecnologias nas escolas públicas. Castells (1999) no seu livro “A Sociedade em Rede”, alerta sobre o papel decisivo do Estado na relação entre tecnologia e sociedade.

“O que deve ser guardado para o entendimento da relação entre tecnologia e sociedade é que o papel do Estado, seja interrompendo, seja promovendo, seja liderando a inovação tecnológica, é um fator decisivo no processo geral, à medida que expressa e organiza as forças sociais dominantes em um espaço e uma época determinados” (CASTELLS, 1999, p.31).

De qualquer sorte, ainda que um bom número de pessoas siga completamente excluído do mundo digital, a outra parte – que tem acesso – é bastante significativa. Além disso, as velhas mídias, tais como o livro ou a televisão, igualmente usam com bastante generosidade o recurso da fotografia/imagem e do desenho para dinamizar a linguagem e o entendimento sobre os fatos. Considerando que esse é o foco do nosso trabalho, buscaremos observar como ele aparece e o que causa nas pessoas. Acreditamos que essas ferramentas (a imagem/foto/desenho), tanto nas velhas mídias, como nas novas seguem sendo um elemento fundamental para “inocular” determinadas concepções sobre a história do Brasil, do mundo e fundamentalmente sobre os sujeitos sociais. Um exemplo bem significativo é forma caricaturada com que os indígenas são retratados nos livros didáticos. Seres vivendo na natureza, vestidos com penas, cheio de

cocares. São imagens idealizadas dos índios. Pode-se ainda observar qualquer outro assunto e neles encontrar estas representações simbólicas altamente constituidoras de sentidos.

E foi justamente essa compreensão que nos moveu a realizar essa pesquisa usando como metodologia a concretização de oficinas de fotografia de modo a poder observar a potencialidade dessa ferramenta (a imagem) como instrumento educativo e suas implicações na constituição da subjetividade das crianças e dos jovens a ela submetidos.

A idéia então foi de realizar as oficinas com crianças matriculadas no ensino fundamental, entendendo que é nesta faixa etária que se constituem os sentidos por parte da criança. Escolhemos crianças de comunidades empobrecidas porque concretamente são estes sujeitos sociais que seguem sendo vítimas do sistema escravista/desigual que vigorou no início da



formação do Estado brasileiro, permanecendo sem acesso aos novos instrumentos tecnológicos, mas diuturnamente expostas à “babá eletrônica” que é a televisão, a qual se utiliza fundamentalmente da imagem para criar sentidos. São elas que, nas escolas, continuam a sofrer a impossibilidade da educação. Sabe-se que, no Brasil, a evasão escolar é ainda um grande desafio. Segundo dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira), de cada 100 alunos que ingressam na escola na 1ª série, apenas cinco concluem o ensino fundamental ([www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)).

No caso das crianças e jovens de comunidades carentes, compartilhamos das ideias de Catarina Tomás<sup>1</sup> e Natália Soares<sup>2</sup> que entendem que, neste caso, existe uma dupla exclusão desses sujeitos: “uma

---

<sup>1</sup>Instituto da criança da Universidade do Minho – Portugal.

<sup>2</sup> Instituto da criança da Universidade do Minho – Portugal.

exclusão justificada pelos indicadores de pobreza, marginalização e exclusão, que indelutavelmente afeta este grupo social; e uma exclusão justificada também pela invisibilidade e ausência das crianças nos ‘centros’ de decisão” (2004, p. 2).

Ainda que nossa primeira opção fosse trabalhar preferencialmente com crianças, no desenvolvimento da pesquisa foram surgindo outras possibilidades de aplicação da pesquisa. Meu envolvimento com jovens participantes de movimentos sociais de base me possibilitou ampliar a coleta de dados junto a dois grupos de 17 a 29 anos. Estes jovens, também advindos de comunidades empobrecidas, de duas diferentes regiões do Estado de Santa Catarina, no Sul, na cidade de Criciúma e no Oeste, em Chapecó, estão envolvidos no Projeto – Fortees – Fortalecendo Experiências de Economia Solidária em Santa Catarina, promovido pela

entidade Cáritas Brasileira.<sup>3</sup> Nesse caso, os jovens em questão, igualmente vêm da periferia e tal e qual as crianças nas escolas do Estado, seguem vivendo a exclusão, a ponto de ter de contar com o apoio de entidades filantrópicas para ampliar seus horizontes. Trabalhar com eles a importância da imagem, assim como com os pequenos da escola pública, possibilitou dar um passo acima no processo de compreensão do lugar onde estão.

---

<sup>3</sup> A Cáritas Brasileira é um organismo da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - de promoção e atuação social que tem como objetivo trabalhar em defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário . Também é uma entidade jurídica de assistência social que faz parte da Cáritas Internationalis. Atualmente conta com mais de 175 entidades espalhadas por todo país.

## 1.2 – Meu Lugar – Seguindo a Barca

Para que a concepção da pesquisa possa ser melhor compreendida talvez seja necessário um excerto sobre a minha própria formação. Graduado no curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, desde o início da universidade trabalhei com pesquisa, atuando com bolsa de iniciação científica. Nos projetos escolhidos, atuava com temas que tinham um recorte de classe bem definido, gente trabalhadora, gente empobrecida, pois realizava pesquisa sobre comunicação popular, principalmente em bairros empobrecidos da cidade de Itajaí. No terceiro período da faculdade, passei a atuar como pesquisador no projeto de jornalismo popular, dirigido pela professora Elaine Tavares<sup>4</sup>, o *Barca do Povo*<sup>5</sup>, que

---

<sup>4</sup> Elaine Tavares é jornalista, mestre em comunicação social e teórica da comunicação popular. Suas reflexões teóricas são defendidas nos livros: “Jornalismo Nas Margens – Uma reflexão sobre

realizava um intenso trabalho de comunicação e educação popular nas comunidades de periferia da cidade de Itajaí. Minha função no projeto era a de educador popular e eu ministrava oficinas de comunicação (fotografia, rádio comunitária e jornal

---

comunidades empobrecidas”, (Florianópolis, 2004) e “Porque é Preciso Romper as Cercas – Do MST ao Jornalismo de Libertação”, (Florianópolis, 2008). Elaine Tavares foi professora do curso de jornalismo da Univali – Universidade do Vale do Itajaí, idealizadora e coordenadora do Projeto de Extensão ligado ao curso, o Barca do Povo. Jornalista do quadro da UFSC hoje Elaine Tavares coordena projetos no IELA – Instituto de Estudos Latino Americano da UFSC, ligado ao CSE – Centro Sócio Econômico.

<sup>5</sup> Barca do Povo – Projeto de Extensão da Univali ligado ao Centro de Ciências Humanas e da Comunicação e ao curso de jornalismo. Projeto de comunicação popular que funcionou na universidade entre os anos de 2000 e 2004. Suas principais atividades eram realizadas junto aos bairros de periferia da cidade. Em parceria com escolas, centros comunitários e entidades de assistência, desenvolvia oficinas de comunicação popular (jornal impresso, fotografia e rádio comunitária) com crianças, adolescentes e jovens, com o propósito de produzir conteúdo para seus principais veículos de comunicação o jornal comunitário: “O Sardinha”, publicado pela universidade e distribuído gratuitamente nos bairros de periferia, e o programa de rádio: “O Sardinha no Ar”, veiculado na Rádio Comunitária Conceição FM de Itajaí

impresso) para crianças, adolescentes e jovens das comunidades envolvidas. O trabalho geralmente acontecia em parceria com centros comunitários, entidades de assistência e escolas municipais e estaduais de Itajaí, o que estreitou minha relação com a educação. As oficinas também eram oferecidas a jovens e adolescentes em risco social, como os menores infratores, no CIP - Centro de Internação Provisória de Itajaí - e, com jovens de comunidades empobrecidas de Florianópolis, no Projeto Antonieta de Barros, da Assembleia Legislativa da Capital.

Todo o trabalho realizado naqueles dias já se fazia ancorado nos pressupostos teóricos que orientam a discussão desta pesquisa, seguindo a metodologia proposta pelo educador Paulo Freire, de partir do conhecimento já existente no educando, realizando o trabalho a partir do diálogo e não como uma educação bancária, decorada. Geralmente essas oficinas eram oferecidas

nas comunidades em ambientes de segundo período escolar e também nos finais de semanas e feriados em associações de moradores e centros comunitários.

O trabalho na *Barca do Povo* era realizado por um grupo que chegou a ter mais de dez pessoas, sendo todos alunos do jornalismo. Particularmente, como já atuava como repórter fotográfico e produzia trabalhos autorais envolvendo a fotografia, minha função no projeto também esteve muito voltada a tudo que envolvesse a fotografia, principalmente no que diz respeito à realização das oficinas.

Meu envolvimento com o fazer fotográfico em si também sempre esteve muito ligado ao povo de comunidades empobrecidas, aos marginalizados e a temas sociais e com participação popular. Como representante da *Barca do Povo* viajei durante anos pelo Brasil e América Latina captando

imagens e registrando cenas do cotidiano do povo desta parte do sul do Mundo.

Com esse tema realizei várias exposições fotográficas em Santa Catarina, São Paulo e outros estados brasileiros, como Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul. Em 2004 publiquei o livro de imagens: **Seres do Bem**, que viajou por diversos estados brasileiros, América Latina, Norte, Europa, África e Ásia. Em parceria com o fotógrafo paulista Thomas Bisinger produzi o DVD de imagens: **“O Sul do Mundo”**, com imagens da África e da América Latina, que foi apresentado e várias universidades em Santa Catarina e também entrou na programação oficial do Fórum Social Mundial de 2006, na Venezuela, sendo apresentado no Museu de Arte Contemporânea de Caracas. Em parceria com artistas italianos também produzi o DVD de imagens; **“Seres do Bem”**, que foi apresentado em mostras itinerantes de arte na Itália.



Assim, foi o trabalho de pesquisador/educador diretamente ligado às crianças, adolescentes e jovens de comunidades empobrecidas que me colocou diante da realidade e dos paradigmas da educação, o que aumentou o interesse em descobrir novos e desafiadores caminhos nesse campo. Nesse sentido, partindo da experiência do trabalho em comunidades empobrecidas, juntamente com o estudo de algumas obras de teóricos da educação, como Paulo Freire (1980) e Rubem Alves (1981) e da comunicação, como Adelmo Genro Filho (1987) e Roland Barthes (1984) foi-se configurando a ideia de realizar um trabalho que envolvesse a educação e aquilo que é constitutivo do meu fazer profissional, que é a fotografia.

A observação do potencial da fotografia como instrumento educativo e elemento de construção de sujeitos durante esses anos de trabalho me fez acreditar que a sistematização

desse processo numa pesquisa acadêmica voltada para esse tema seria uma contribuição interessante.

Desta maneira, a fotografia, no caso da pesquisa aqui presente, foi utilizada como fio condutor da discussão, em um processo que, desde seu início, é construído e praticado em comunhão com as crianças da escola e com os jovens que participaram das oficinas de comunicação do Projeto – Fortees – Fortalecendo Experiências de Economia Solidária em Santa Catarina da Caritas Brasileira, tendo como principal objetivo promover o protagonismo dos sujeitos sociais que sempre estiveram marginalizados seja na escola ou na vida.

### 1.3 - Criança e Infância

Para discutir a importância da fotografia na constituição de sentidos e considerando os sujeitos da pesquisa em questão, há que discutir porque escolher a criança como elemento primeiro da pesquisa.

Entendemos que existe uma diversidade muito grande em relação ao conceito de infância e criança. Alguns entendem a criança como um “vir a ser”, uma concepção que considera a criança como “incapaz, como manipulável, influenciável e psicologicamente débil”, (Cussiánovick, p.15), portanto, passível de ser tutelada e monitorada. Outros há que veem as crianças como consumidoras ou ainda, como um adulto em miniatura. Franco Cambi discute essa complexa problemática, sobre as crianças, em sua obra: “História da pedagogia”, (1999).

Segundo o Dicionário Aurélio, por exemplo, criança é ser humano de pouca

idade. Ainda no mesmo dicionário, a infância está definida como um período de crescimento do ser humano que vai do nascimento até a puberdade.

Em produções acadêmicas, observa-se que as discussões sobre criança estão sendo travadas por pesquisadores e estudiosos das mais diversas áreas, historiadores, antropólogos, sociólogos, psicólogos, educadores, médicos dentre outros. Portanto, a infância se constitui um campo emergente de estudos e um tema de natureza multidisciplinar.

Estudos contemporâneos, como, por exemplo, os realizados pela sociologia da infância, trazem como tese o fato de que as crianças participam coletivamente na sociedade e são dela sujeitos ativos e não meramente passivos. Indicam uma proposta de estudar a infância por si própria, rompendo com o adultocentrismo, entendendo a criança

como um ser social e histórico, produtor de cultura (Pinto e Sarmiento, 1997, p. 27).

Vale lembrar então, que as definições de infância podem tomar diferentes formas de acordo com os referenciais que tomamos para concebê-las. Segundo Pinto e Sarmiento (1997, p. 33):

Quem quer que se ocupe com a análise das concepções de criança que subjazem quer ao discurso comum quer à produção científica centrada no mundo infantil, rapidamente se dará conta de uma grande disparidade de posições. Uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de facto, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade da proteção face

a esse mundo. Uns encaram a criança como um agente de competências e capacidades; outros realçam aquilo de que ela carece.

Nossa proposta compartilha o conceito de infância defendido por Quinteiro, Carvalho e Serrão, “uma infância comunicadora, atuante, portadora e construtora da história e da cultura, dotada de iniciativa capaz de construir a própria identidade moral, social e cultural” (2007, p. 54).

Trabalhando com crianças de uma escola de um bairro de periferia também compartilhamos com as ideias das autoras que, neste sentido, entendem a infância como condição social de ser criança. Expressa o modo pelo qual a sociedade organiza a reprodução de suas condições materiais e não materiais de vida e de existência. E foca a atenção em aspectos relacionados à sua condição social.

Assim procuramos evidenciar a presença de uma diversidade de infâncias:

“as crianças são também seres sociais e, como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertencem, a raça, o gênero, a região do globo onde vivem. Os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças”.  
(SARMENTO, 2004, p.10).

Acreditamos que estar atentos a essa diversidade de infâncias é fundamental para realização das oficinas com as crianças e jovens envolvidos na pesquisa.

## **1.4 - As oficinas**

A ideia da realização das oficinas de fotografia com as crianças surge justamente para tentar construir um espaço e uma prática que promovam a participação infantil em condição de sujeito. Considerando as crianças como agentes sociais, competentes, ativos e com 'voz'; como sujeitos de direitos, capazes de elaborar sua própria visão de infância e influenciar a tomada de decisões dos adultos.

Nesse sentido, o trabalho buscou refletir sobre a imagem fotográfica e suas implicações na constituição da subjetividade das crianças de uma turma de ensino fundamental da Escola Anísio Teixeira, no bairro Costeira do Pirajubaé e, fazer a mesma observação em oficinas oferecidas pela Cáritas, para jovens de comunidades empobrecidas do Estado.



O uso da metodologia de oficinas como dinâmica de trabalho da pesquisa-ação foi para facilitar a construção de um espaço destinado a “desenvolver soluções novas, experimentar novos caminhos, recorrendo aos meios historicamente desenvolvidos pela sociedade”. Assim as oficinas podem ser caracterizadas como um “lugar de encontro”, como um “fórum de discussão” e como “plataforma para uma produção de cultura”. (DIETRICH, Jochen, in: *Ana Elisabete Rodrigues de Carvalho Lopes*, 2005, p.101).

O principal objetivo desta dinâmica de oficinas é esclarecer os questionamentos feitos em nossas hipóteses de trabalho, que serão apresentados no texto abaixo. Portanto, o conteúdo das oficinas vai desde o conhecimento da caminhada do olhar; história da fotografia; trabalhar breves noções imagem, olhar, forma, estética e beleza; trabalhar formas de ver o invisível; compartilhar e discutir técnicas de fotografia,

conceitos básicos, técnicas de luz, enquadramento, composição e exercícios práticos.

Escolhemos a forma de pesquisa-ação, pois como bem define Thiollent (1997):

“É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”.

A pesquisa-ação é um método de condução de pesquisa aplicada, orientada para elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções.

## **2. Objetivo Geral**

Investigar as possibilidades do uso da fotografia como instrumento em processos educativos de crianças e jovens

### **2.1. Objetivos Específicos**

- Realizar oficinas de fotografia com o intuito de mobilizar o olhar e o senso crítico em jovens e crianças.
- Observar em um processo de investigação-intervenção as possibilidades educativas da ação da fotografia e suas implicações na constituição do sujeito
- Provocar a reflexão sobre o olhar, a imagem e a beleza.

## **Hipóteses de trabalho**

1 – A fotografia, nesta era digital, pode ser um instrumento poderoso no processo de educação de crianças e jovens, influenciando o sentido de ser no mundo.

2 - A fotografia como expressão de uma cultura e como linguagem simbólica pode agir de forma decisiva como elemento inspirador para a transformação social na educação escolar e popular.

#### **4 – Fotografia, Filosofia e Pedagogia: uma problematização possível**

O presente trabalho tem como principais objetivos refletir sobre o uso da fotografia como instrumento educativo a partir de oficinas realizadas com jovens e crianças de comunidades empobrecidas.

Nossa proposta é observar qual a capacidade do uso da fotografia como instrumento educativo a partir de oficinas realizadas com jovens de 17 a 29 anos do projeto Fortalecendo Experiências de Economia Solidária em Santa Catarina, promovido pela Cáritas em Chapecó e Criciúma, e em duas turmas das séries iniciais, 1º e 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Básica Municipal Professor Anísio Teixeira, no bairro Costeira do Pirajubaé, em Florianópolis, em uma atuação direta com as crianças e jovens, com a intenção de promover a discussão e fomentar a crítica.

Isso foi feito usando a fotografia como principal veículo de diálogo. A proposta de trabalho buscou, além de responder as perguntas básicas deste projeto, colocar em prática as teorias educacionais nas quais o projeto está alicerçado.

Para isso ancoramos nosso estudo em alguns conceitos básicos, quais sejam em relação à infância, educação, comunicação, mídia-educação e a transformação libertadora. Buscamos amparo em importantes autores, como Morin (1987), Castells (1989), Sarmiento (1987), Barthes (1984) e Paulo Freire (1980). Nosso intuito é valorizar o pensamento de teóricos que trazem uma reflexão a partir de uma perspectiva latino-americana, já que esse é o nosso espaço geográfico. Assim, trazemos a discussão para mais próximo de nossa realidade, conforme desafia o pensador colombiano FALS BORDA:

*“É preferível responder às metas dos trópicos e sub-trópicos com nossos próprios meios, concebendo nossas soluções com nossa própria ideologia, utilizando e tornando mais forte nossa cultura e sociedade, que seguir sendo uma cópia de segunda classe e um simples mercado de um povo estranho” (1970, p.18).*

Neste processo está plasmado um desafio que pretendemos trabalhar que é o de tentar estabelecer uma ciência mais próxima da realidade latino-americana, criando um pensar autóctone em vez de somente copiar, tal qual anuncia o educador venezuelano Simón Rodríguez<sup>6</sup>, mestre de Bolívar<sup>7</sup>. Isso sem deixar de considerar contribuições em relação ao tema de autores que também contribuem para esta reflexão.

---

<sup>6</sup> Simón Rodríguez nasceu em Caracas, Venezuela, em 1769 e morreu em Amatape, Peru, em 1854.

<sup>7</sup> Simón Bolívar, nasceu em Caracas, Venezuela, em 1783 e morreu em Santa Maria, Colombia, em 1830

O educador caraquenho Simón Rodríguez, desde o final do século 18 e por boa parte do século 19 desafiou a ordem educacional da América Latina promovendo o ensino das primeiras letras a índios, negros e brancos – o povo empobrecido -, todos juntos, na mesma escola. Uma proposta educativa que valoriza a noção da originalidade das sociedades americanas, seus princípios de interdependência social e o papel da educação no processo de formação de cidadãos ativos, críticos e criativos.

Simón Rodríguez encarnava o ideal de vida e concepção humanística de Jean-Jacques Rousseau e “reproduzia em seus ensinamentos os ideais rousseunianos de autodidatismo, relação estreita entre natureza e sociedade, moral alicerçada na liberdade, domínio do sentimento sobre a razão, teoria da bondade natural do homem e doutrina do contato social” (FRANCOVICH, 1983,p. 2).



Rodríguez foi tutor e mentor de Simón Bolívar, considerado um dos grandes libertadores da América Latina da coroa espanhola. Na Bolívia, país recém-emancipado pelas tropas libertadoras, Simón Rodríguez tentou desenvolver suas “escolas modelos”, com a finalidade de transformar as crianças abandonadas em cidadãos livres.

A ideia proposta pelo autor é a de que as Américas pudessem construir seus próprios modelos de desenvolvimento, de forma a resguardar e valorizar sua cultura. Reforça-se aqui o que já ressaltamos anteriormente que é a tentativa de valorizar o pensar o mundo a partir do nosso espaço geográfico latino-americano. Citando as palavras do próprio Simón Rodríguez.. “*La América no debe imitar servilmente, sino ser original. Ideas, ideas, primero que letras.*” (1999, p.115).

Destacamos essa citação de Rodríguez, levando em consideração que muitas das crianças das séries iniciais com as

quais trabalhamos na escola ainda não são alfabetizadas, portanto, conhecem o mundo da imaginação e das ideias, mas ainda não dominam o conhecimento sobre as letras.

Estamos convencidos que refletir a educação a partir dessa mirada pode ajudar a crítica acadêmica e o fazer cotidiano dos trabalhadores da educação. Entendemos que apesar de o Brasil ter gerado um dos mais importantes educadores do mundo, Paulo Freire (1921-1997), ainda é hegemônica a visão de uma educação formalista, funcionalista, não-protagônica e tampouco libertadora, não só em nosso país, mas em todo o mundo.

Não é sem razão que o conceito de educação com o qual trabalhamos tem muito de sua base nas ideias e experiências desse educador brasileiro que, em seu método, defende a educação como prática para a liberdade. Para ele, toda ação educativa tem que ter como resultado a libertação daqueles

que estão oprimidos. Daí sua pedagogia ser um espaço político para a expressão do povo:

*O método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político no pedagógico, mas também não põe inimizade entre educação e política. Distingue-as sim, mas na unidade do mesmo movimento em que o homem se historiciza e busca reencontrar-se, isto é, busca ser livre. (FIORI in Freire, 1980, p.15).*

O próprio Paulo Freire discorre sobre esse assunto, abrindo as portas da educação para o que ele chama de prática para liberdade, na qual a dicotomia oprimido/opressor tem de desaparecer.

*... O importante, por isso mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o*

*surgimento do homem novo – não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se. Precisamente porque, se sua luta é no sentido de fazer-se homem, que estavam proibidos de ser, não o conseguirão se apenas invertem os termos da contradição. Isto é, se apenas mudam de lugar, nos pólos da contradição. (FREIRE, 1980, p.46)*

Esta citação dá conta do que pretendemos com relação ao trabalho de pesquisa junto às crianças matriculadas no ensino fundamental e aos jovens que participaram das oficinas de comunicação oferecidos pela Cáritas, refletindo a potencialidade que as imagens e a fotografia, podem apresentar ao serem utilizadas como um processo que media, facilita e provoca uma reflexão sobre o mundo da vida, na busca da sua transformação. Paulo Freire (1921-1997) é companheiro nesse debate já

que pauta sua proposta educacional na ideia da comunicação. Tal como afirma, o ser humano cria a cultura a partir de suas relações com a realidade, resultante de estar **com** e **nela**, provocando assim um diálogo entre o ser e seu entorno. Nesse sentido, acreditamos que a realização de uma prática pedagógica envolvendo a fotografia e os princípios educacionais que pressupõe este trabalho, pode cumprir um papel fundamental no processo de comunicação, facilitando esse diálogo. Isso porque com a fotografia é possível cristalizar e eternizar o instante em que o homem estabelece a relação com a realidade do mundo em que está e desde aí, pensar o futuro.

A comunicação está no centro das ideias e pressupostos da pedagogia freireana, “no estilo e na presença do educador cujo pensamento está em comunicação com a realidade; como espaço em que acontece o diálogo educativo; como materiais (fotografia,

filmes, cartazes, etc)” (RIVOLTELLA, in Fantin, 2006, p.75).

Roland Barthes (1984) afirma que: *a fotografia repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.* (p.13). E é justamente por eternizar o instante fugidio – em si, aspectos da realidade - que a fotografia, acreditamos, pode ajudar o ser humano a se reconhecer como sujeito na história e, a partir daí, transcender, ou seja, ultrapassar os limites do agora opressor e buscar a libertação.

É com essa hipótese que a pesquisa avança. Buscamos - baseados na concepção de Paulo Freire – ir além do trabalho teórico propriamente dito. Nossa proposta foi experienciar essa possibilidade na comunhão com as crianças da escola e com os jovens envolvidos no projeto da Cáritas. Porque, com Freire, também acreditamos que *“o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com*

*o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos de autoridade já não valem”* (1980, p. 73,74).

Essa é uma das ideias do educador brasileiro que foi colocada em jogo, tornando-se real através deste trabalho. Uma educação em comunhão que, por conta de sua proposta dialógica, seja capaz de provocar a libertação. E se, conforme ensina Freire, o primeiro passo da reflexão em grupo é o ver, que corresponde justamente a necessidade de: *...partir da realidade... (1980, pag.54)* é aí que estabelecemos a ligação com o fazer fotográfico, que também tem como ponto de partida a realidade mesma, já que, segundo Issac Antonio Camargo, *ela registra, eterniza o instante exato da realidade que nunca mais vai se repetir* (1997, p.50).

O processo de produção fotográfica pode ser observado posteriormente inúmeras

vezes e, essa observação feita em comunhão pelo grupo, pode resultar num diálogo capaz de dar início ao processo de transformação, sugerido na Pedagogia do Oprimido. E, como ressalta Freire (1980), esse processo se realiza: *com os trabalhos educativos, que devem ser realizados com os oprimidos, no processo de sua organização...* Essa possível práxis dentro da escola, pode vir a confirmar ou não os questionamentos feitos em nosso trabalho, entendendo como práxis a sugerida por Paulo Freire, que é a de : *reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela é impossível a superação da contradição opressor/oprimido.* (1980, p.40).

Entendemos que promover uma prática pedagógica envolvendo a fotografia, pode, além de ajudar o educando a refletir sobre seu mundo, possibilitar o enfrentamento direto sobre a cultura de dominação. E mais, pode permitir que o educando venha ele próprio a dominar o fazer fotográfico e a partir do



resultado de sua própria observação, consiga captar as imagens geradoras dessa reflexão sobre seu mundo. Ou seja, a proposta não se reduz a mostrar a realidade, usando como ferramenta uma simples tecnologia, ela tenta proporcionar que crianças e jovens de bairros empobrecidos dominem tecnicamente essa tecnologia, podendo assim cumprir seu papel de sujeito em todos os sentidos desse processo.

A discussão sobre beleza proposta em nossos objetivos também nos auxilia na prática pedagógica envolvendo a fotografia, uma vez que serve como provocação para que as crianças e jovens observem e reflitam sobre sua realidade. Nossa noção de beleza está ancorada na discussão de Aristóteles sobre o tema, que rompe com a visão idealista do belo promovida por Platão e considera outros elementos aptos a estimular a beleza, principalmente através da arte. Ele considera o caos, a feiura e a desordem também como

elementos que estimulam o belo. Consideramos que, durante esta discussão com as crianças e jovens, romper com a noção de padrão tradicional de beleza ajuda muito no sentido de provocar uma visão nos educando onde eles sejam capazes de reconhecer a beleza e o belo em suas vidas e em seu cotidiano de exclusão.

Levando em consideração o que Clodovis Boff comenta em relação à educação popular: *“Para a maioria do povo, o aprendizado não se passa pelos livros, mas pela realidade viva”* (1984, p.61), entendemos que, no trabalho, as crianças destas comunidades podem representar de forma mais completa essa afirmação, já que salvo de algumas exceções, grande parte desses seres humanos jamais teve a oportunidade de produzir o seu olhar sobre o mundo desde o uso de uma máquina fotográfica e de todos os aparatos digitais e tecnológicos que daí decorrem. Esse diálogo entre o

pesquisador/fotógrafo/educador e as crianças em processo educativo foi o ponto nevrálgico do trabalho. Para Boff, a educação popular precisa, fundamentalmente, acontecer numa dinâmica de diálogo, precisa ser dialógica ou dialogal: “*Nesta, o agente e o povo refletem juntos, coletivamente, sobre os problemas comuns*” (idem, p.60). Foi o que fizemos.

A fotografia é colocada então como um possível agente fomentador, que levaria o educando a refletir, em comunhão, sobre os problemas que enfrentarão na sociedade, entre eles, o racismo, a exclusão, a opressão. Ou seja, sujeitos livres refletindo sua cotidianidade. Entendendo aqui, que esses sujeitos são os que mais podem saber sobre os problemas específicos de sua comunidade já que são eles os protagonistas de seu viver. Concordando com Frei Beto que define, esse sujeito como: “*membro da comunidade, pai, esposo, agente da comunidade, está*

*diretamente ligado as lutas e sofrimentos do povo” (1981 p.40).*

Edgar Morin define cultura como “*um corpo complexo de normas e imagens que penetram o individuo em sua intimidade, estruturam os instintos e orientam as emoções*” (1981, p.186). Nesse sentido, recuperar os elementos da cultura do povo brasileiro justamente através da imagem pode ter elevado sentido libertador. E neste campo, a educação popular é a que melhor encontra lugar.

Os estudos de Morin (1987) também servem de base para a realização deste trabalho, pois compartilhamos da sua concepção sobre os sete saberes que considera necessários para a educação do futuro. A reflexão sobre os erros e ilusão do conhecimento, o reconhecimento de que a educação formal hoje aplicada é fragmentada, o ensino sobre a condição humana, sobre sua identidade e sobre seu destino comum, o

desafio de educar com as incertezas, o ideal de compreensão e a ética do gênero humano.

Pois, como bem argumenta Morin:

*“A diáspora da humanidade não produziu nenhuma cisão genética: pigmeus, negros, amarelos, índios, brancos vêm da mesma espécie, possuem os mesmos caracteres fundamentais de humanidade. Mas ela levou à extraordinária diversidade de línguas, culturas, destinos, fontes de inovação e de criação em todos os domínios. A riqueza da humanidade reside na diversidade criadora, mas a fonte de sua criatividade está na unidade geradora”* (Morin, 2000, p.65).

Outro elemento que pode ser considerado para a escolha do estudo sobre imagem e fotografia como possível elemento provocador de uma discussão sobre transformação social é a nossa própria

experiência pessoal com a educação e comunicação nos movimentos populares, onde a fotografia sempre foi a base do trabalho, em várias perspectivas, principalmente para observação e reflexão da realidade latino-americana.

Levando tudo isso em consideração, nosso arcabouço teórico ainda se ampara na Filosofia de Libertação, proposta pelo pensador argentino Enrique Dussel (1996), que aponta um pensar desde a periferia do sistema-mundo, superando a dependência cultural da *mãe* Europa e América do Norte (os países centrais). A Filosofia da Libertação tem como ponto de partida não o *ser/igual*, tal qual o pensamento grego se nos aparece, mas o outro, o totalmente outro, oprimido e negado como parte dominada e funcional do sistema. Assim, essa filosofia casa-se de forma perfeita com as ideias de Freire e Rodríguez na lógica de uma educação amorosa, fraterna, libertadora. *Ela tem como*

*práxis a libertação de tudo que possa reduzir a pessoa humana a objeto, levando-a a ser sujeito de uma nova história (DUSSEL, 1996, p.46).*

Considerando a prática educativa e filosófica em questão como uma prática também comunicacional pretendemos trabalhar com o conceito de *Jornalismo Libertador*, formulado pela educadora e jornalista Elaine Tavares, também embasado na Filosofia da Libertação, durante a reflexão-ação praticada diretamente com as crianças. Para ela, o primeiro elemento da prática do jornalismo libertador é:

*... olhar o mundo a partir do ponto de vista local. Analisar e refletir toda a realidade que cerca a comunidade, desvelar seu contexto, saber como essa comunidade nasceu, quais suas referências, qual o papel que representa no todo municipal, quais sonhos e desejos embalam seus moradores, quais os nexos que formam com o estadual, com o nacional, com o*

*continente e o mundo, enfim, um retrato do visível e do invisível* (TAVARES, 2004, p.20).

Essa proposta de um fazer jornalístico, que inclui diretamente a fotografia, é a que vai nos ajudar a encaminhar a discussão junto às crianças e jovens e orientar nossa reflexão teórica. É uma proposta que tem a comunicação como centro das discussões e utiliza o conteúdo de mídia, no caso a fotografia, indo assim ao encontro dos pressupostos teóricos que ajudam a orientar a linha de pesquisa Educação e Comunicação, do PPGE da UFSC, que é a discussão sobre mídia-educação, vista como “campo de pesquisa, prática social e disciplina curricular na formação de crianças, jovens e adultos trabalhando os conteúdos e as linguagens da alfabetização midiática. Capacitando os sujeitos a “ler e escrever” criticamente com as mídias e discutindo temas como igualdade,



direitos de acesso, participação e cidadania”  
(FANTIN, in Rivoltella, 2006, p.51).

## **5. Estudos sobre a fotografia**

Desde muito tempo as imagens têm sido utilizadas para representar a “realidade vivida”. Em tempos antigos, antes do surgimento do advento da fotografia, o papel de “revelar o mundo” era cumprido por pintores e artistas plásticos, que através de telas, esculturas e outras obras de arte tentavam representar a realidade vivida. Quase tudo o que se podia mostrar em relação ao mundo podia ser representado por esses artistas: florestas, rios, cachoeiras, animais, construções e edificações, pessoas, enfim, um variado número de temas e visões frente à realidade.

Famílias nobres contratavam pintores para retratar sua vida, seus parentes e inclusive seus bens materiais, o que comprova que desde há muito tempo o homem tem se dedicado a “mostrar ao mundo” sua própria realidade, seus costumes, suas tradições e

principalmente a maneira como se veem e que pretendem ser representados e retratados.

Conta a história, que, desde os tempos remotos, por volta de 350 a.C., aproximadamente a época em que viveu Aristóteles, na Grécia antiga, diversos químicos e alquimistas faziam experiências com captação de imagens e, já nessa época, se conhecia o fenômeno de produção de imagens através da passagem de luz em pequenos orifícios de uma “câmara escura”, o que hoje são nossas câmeras fotográficas. Naquela época, a câmara escura era um quarto isolado da luz, com um orifício aberto para o seu exterior. Nesse quarto escuro era possível reproduzir imagens da realidade através da luz, para serem observadas e apreciadas naquele momento, mas essas imagens não podiam ser guardadas para o futuro, pois ainda não se conheciam as técnicas para conservá-las.

A partir de 1500-1600, físicos e químicos da época já conheciam o processo de manter imagens gravadas por algum tempo, através da exposição de emulsões de sais de prata à luz do sol. Isso ajudou a dar um grande passo em relação ao “descobrimento” da fotografia, já que seriam essas emulsões de prata que possibilitariam a captação, reprodução e armazenamento das fotos.

A história da fotografia pode ser narrada de várias formas, muitos defendem que o seu descobrimento foi coletivo, ou seja, desde de a época de Aristóteles, diversos estudiosos e pesquisadores, em todo o mundo, caminharam em direção a esta descoberta. Mas, de maneira geral, a história mais conhecida é a que atribui a primeira produção de fotografia a Jean Luis Daguerre, na França, em 1839. Ele, durante horas, deixou uma pequena câmera escura, com emulsão de sais de prata, exposta à luz da

janela de seu apartamento em Paris, o que proporcionou a captação de imagens dos telhados das casas e prédios vizinhos. “Telhados de Paris”, assim foi batizada a primeira fotografia captada por Daguerre. Tanto que inicialmente a fotografia foi batizada de “daguerreotipo”.

A divulgação do descobrimento causou espanto e fascínio das pessoas. O comentário de Jules Janin, 1839, explica um pouco deste sentimento:

“A terra e o céu, ou água corrente, a catedral que se perde nas nuvens, ou então a pedra, o calçamento o grão de areia que flutua na superfície, todas as coisas, grandes ou pequenas, que são iguais perante o sol, vão rapidamente ficar gravadas nesta espécie de câmera escura que conserva todas as impressões” (p. 57, 2009).

É interessante perceber que desde o começo de suas definições a fotografia já ganha status de “representar fielmente a realidade”, ou seja, ela seria capaz de “conservar todas as impressões”. Com esse “poder”, a fotografia foi se desenvolvendo e sendo definida com a função de mostrar “exatamente” um momento da realidade em si. Ela é capaz de congelar o tempo e guardar uma cena para ser vista, reproduzida e repetida quantas vezes se deseja. Philippe Dubois (1994) discorre sobre esse tema no livro: "O Ato Fotográfico", explicando que,

“primeiramente se reconhece a fotografia como o espelho do real. Este é o discurso da mimese, em que o efeito de realidade encontrado na fotografia se dava graças à semelhança entre este objeto e a imagem real, ou seja, o seu referente. No início, ingenuamente se considerava a fotografia como um "analogon" da

imagem que buscava reproduzir. Aquela seria mimética por essência.” (p.141, 1994).

Com o passar do tempo, inúmeras interpretações e definições foram dadas a fotografia: forma de arte, representação do real e do imaginário, maneira de se registrar, construir e modificar a realidade. É certo que, a partir do surgimento da fotografia, foi se modificando e transformando a maneira das pessoas verem e reconhecerem o mundo e a realidade vivida. Em princípio através das imagens estáticas e, logo em seguida, através das películas de cinema, que por sua vez poderiam captar imagens em movimento.

De acordo com Abbagnano, Santo Agostinho (NASCIMENTO E MORTE) dizia: “As imagens são originadas por coisas corpóreas e por meio das sensações: estas, uma vez recebidas, podem ser facilmente lembradas, distinguidas, multiplicadas,

reduzidas, ampliadas, organizadas, invertidas, recompostas, do modo que mais agrade ao pensamento” (ABBAGNANO, 1998: 537). Explicação que nos leva a acreditar que as imagens e fotografias produzidas sempre partem de uma intenção, que geralmente está interligada com o que “mais agrade ao pensamento”. Ou seja, a intenção ou intencionalidade do ato fotográfico, e a forma como este ato é organizado, refletem além da realidade em si, a maneira como o fotógrafo, ou a pessoa que está fotografando pretende registrar e mostrar a realidade vivida. Como enxerga e como pretende mostrar a sua realidade de mundo para outras pessoas.

Andréia Vieira Zanella afirma: “É, portanto, a fotografia necessariamente uma expressão daquilo que se quer (ou consegue) retratar, marcada pelo olhar de quem a produz, pelo ângulo, intencionalmente escolhido ou não, pelas luzes e cores que se



transformam no percurso entre o acontecimento e a objetivação do seu registro” (p. 141, 2006).

O fotógrafo, ou sujeito que está fotografando volta o olhar através do visor da câmara fotográfica, que funciona como uma espécie de “janela para o mundo”. Nesta janela ele escolhe em que direção quer olhar, que ponto de vista terá em relação ao objeto, pessoa ou paisagem que quer fotografar e, dessa maneira, produz “recortes da realidade”, sempre carregados de subjetividade, uma vez que essa realidade captada, ou fotografada, faz parte da maneira como ele vê ou enxerga o mundo e sua realidade vivida.

Assim, como explica Alberto Groisman: “A tomada da foto é um momento que somente parece estar encerrado no clique mecânico. Está sim, incluído num ciclo e num círculo técnico, estético, relacional e político das relações entre os envolvidos” (p. 126,

2006). Técnico, por conta do domínio ou conhecimento que a pessoa tem da fotografia e de todos os seus aparatos tecnológicos; estético, porque sempre está ligado com a forma, a beleza e a composição estética do que se pretende retratar; e político, pela relação com o olhar, o ponto de vista e a escolha do que se quer retratar e mostrar da realidade em si.

Levando tudo isso em consideração, o estudo sobre fotografia aqui proposto, visa voltar os olhos para essa “realidade” construída e mostrada através da fotografia, principalmente de sua capacidade de utilização no processo educativo (escolar ou não).

A evolução da fotografia fez com que os aparatos técnicos e mecânicos para sua produção, que eram mais lentos e exigiam um pouco mais de conhecimento, dessem um salto para o mundo instantâneo e digital, onde tudo é muito rápido e efêmero. As emulsões

de sais de pratas, que exigiam longas horas em estúdios e laboratórios fotográficos, para sua revelação e ampliação, foram substituídas por códigos digitais, o mundo dos pixels e megapixels, onde tudo é produzido instantaneamente e as imagens e fotografias captadas podem ser gravadas, reproduzidas, modificadas, editadas e compartilhadas no mesmo instante em que estão sendo produzidas.

Os jovens e crianças que já nasceram nessa “época digital” consideram isso como coisa comum, ou normal, e em sua realidade cotidiana as imagens compartilhadas aparecem como cena comum da vida e da realidade vivida. A internet, juntamente com o fenômeno das redes sociais, amplia ainda mais essa “realidade instantânea” da qual hoje as fotografias e imagens fazem parte.

Em relação à educação e ao processo educativo, parece plausível afirmar que: “O surgimento de técnicas, instrumentos e formas

de captação e reprodução de imagens fotografadas e seu uso por pesquisadores modificaram sobremaneira o padrão de conhecimento, de certa forma porque imagens fotografadas tinham status de representar a realidade fotografada” (p. 123, 2006).

E foi por estar atento a essas mudanças que nos propusemos a observar a capacidade da fotografia no processo educativo, não apenas em relação a sua utilização por teóricos e pesquisadores da área da educação que usam da fotografia como comprovação de uma realidade, mas também, em sua utilização pelos próprios educandos, indo ao encontro dos objetivos propostos nessa pesquisa que são justamente colocar as crianças e jovens educando como protagonistas de sua própria história.

## **6 – O Caminho da Pesquisa**

A metodologia utilizada para realizar esse trabalho se estrutura principalmente nas propostas de: Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire (1980), Filosofia da Libertação, de Enrique Dussel (1995), Jornalismo Libertador, de Elaine Tavares (2004), a Pedagogia de Simón Rodríguez e ainda, nos pressupostos da mídia-educação (FANTIN, Mônica, Florianópolis: Cidade Futura, 2006). Partimos do suposto de que a metodologia da intervenção em realidade é construída dia a dia, com as crianças, jovens e adultos, seguindo assim, os passos apresentados pelos autores que embasam a proposta dessa pesquisa. Essas ideias nos instrumentalizaram para a atuação direta com as crianças e jovens e para a organização das oficinas, justamente por serem propostas que envolvem educação e comunicação, o que também se afina com a linha de pesquisa na

qual estamos inseridos no PPGE da UFSC e ao meu fazer profissional, que é o jornalismo e a fotografia.

É uma proposta de pesquisa-ação, que, como define Rivoltella (2006), “sempre tem o objetivo de mudar algo”. Desta maneira, o trabalho busca seguir a orientação de propostas compartilhadas e negociadas durante o desenrolar da pesquisa.

Na pesquisa, além da observação e reflexão, feitas em parceria com as crianças e jovens, sobre as implicações das imagens e fotografias na constituição da subjetividade, outras discussões são provocadas, seja acerca de olhar, imagem, estética e beleza, como sobre novas tecnologias, processos de globalização, multiculturalidade e interculturalidade. Temas que enriquecem a reflexão e certamente ajudam na constituição de um olhar mais apurado e de uma visão de mundo que talvez seja capaz de romper paradigmas e estruturas e, quem sabe,

provocar processos de libertação. Propostas que ajudam a observar como a ampliação do repertório das crianças e jovens pode modificar a forma deles verem o mundo e talvez desvelar “círculos de reciprocidade” que possam permitir o avanço nas relações. Um diálogo intercultural, a fim de ajudar na construção de um olhar cosmopolita, capaz de transcender as divisões e que “vai mais longe no reconhecimento do outro”. (BOAVENTURA, 2001, p.18).

Como eles se vêem? De que maneira eles gostariam de se representar e de mostrar ao mundo e às outras pessoas? Como a fotografia ajudaria nesse processo de identificação e reconhecimento de suas realidades? Seria a fotografia nos dias de hoje, um importante instrumento no processo educativo?

Para tentar responder a essas perguntas e questionamentos que decidimos realizar oficinas de fotografia com crianças e jovens,

que sem dúvida vivem e estão imersos num mundo em que as imagens fazem parte do processo de constituição de suas vidas e realidades.

Dessa maneira, nosso papel nas oficinas foi apenas de mediadores, colocando as crianças e jovens como autores e protagonistas do processo. Ou seja, atuamos somente no sentido de provocá-los para que eles mesmos fossem capazes de produzir e mostrar, a partir de seus próprios pontos de vista, suas vidas e suas realidades vividas, seja familiar, na escola ou em suas comunidades, através da fotografia.

Buscamos assim o objetivo de “olhar o mundo a partir do ponto de vista local”, numa prática que também tem, de certa forma, uma influência da teoria histórico-cultural de Vigotski (1896-1934), pois envolve num processo de transformação e emancipação, a ciência, arte e prática. Um processo de “criação conjunta, diálogo, construção de uma



realidade distinta na qual o homem seja pleno sujeito”, como explica Maria Cristina Mata (p.41, 1990). Entendendo e observando a fotografia, a construção dessa realidade e sua interação no processo educativo, como um ato repleto de subjetividade. Como afirma Genro Filho: “Qualquer fato mediado pelo olho humano está carregado de subjetividade” (p.41, 1987).

Essas provocações também ajudam na preparação das crianças e jovens para a parte mais prática das oficinas que é uma proposta de ação/participativa, envolvendo-os com a produção fotográfica. Nessa etapa a intenção é refletir, sobre a “imagem de si e do outro” na fotografia. “Quem sou eu? Como me vejo? E como poderia ser?” Quem é o outro? Como o vejo? Como ele poderia ser? Através dessa frente pretende-se dar conta de desvelar outro objetivo desse trabalho que é a busca de uma reflexão transformadora através da produção fotográfica das crianças e jovens, ou seja, elas

mesmas retratando a sua visão dos sujeitos, da sociedade e do mundo.

O trabalho parte da hipótese de que, nas comunidades de periferia, a condição financeira das famílias ainda não permite que as crianças e jovens tenham acesso total às novas tecnologias. É fato que, mesmo que essas tecnologias estejam ausentes, ou não sejam trabalhadas em ambiente escolar, os educandos, moradores de bairros empobrecidos, possuem sim acesso às mídias (televisão, rádio, internet). Mesmo que, aqui, o estado de bem estar social não seja uma realidade, o que não permite que todos, ou a maioria, possua computador e acesso a internet em casa, é visível o crescimento das “lan houses” nos guetos e na periferia das cidades<sup>8</sup>. Lugares onde geralmente as crianças e jovens passam grande parte de seu “segundo período” do dia, acessando e se

---

<sup>8</sup> Estes dados já foram apresentados no início deste trabalho.

divertindo através de redes sociais e toda uma sorte de jogos em rede.

Essa constatação também vem ao encontro de uma das premissas discutidas por Rivoltella (2006), que observa a diferença no processo de naturalização da mídia nos espaços informais e a não naturalização nos espaços formais, as escolas.

Escola e mídia são construídas em complexos diferentes. Na escola o aprender custa fadiga e trabalho forte de envolvimento, esforço e sofrimento e os resultados da aprendizagem são conquistados em longo prazo, é preciso investimento e paciência. Enquanto na mídia a ocupação é leve, dá prazer e não precisa de grande esforço. Ela se ocupa sempre com o presente. Entendendo esses complexos espaços a proposta de pesquisa-ação é ajudar em uma das principais tarefas da escola nos dias atuais, que é a de aproximar esses dois mundos.

Com o objetivo de ver como as imagens e fotografias agem e interferem no cotidiano das crianças e jovens, o trabalho direciona o olhar para a socialização. Buscando amparo também na fundamentação da abordagem de estudos culturais que:

se preocupa em compreender a “cultura vivida” no cotidiano, no interior de grupos sociais específicos. [...] A ênfase é colocada aqui sobre diferentes implicações entre o uso das mídias e as atividades sociais, ou o contexto relacional. [...] As mídias não são consideradas simplesmente como meio para transmitir “mensagens” sobre o público passivo; o interesse não é mais simplesmente sobre o conteúdo isolado do espírito da tela. Ao contrário, esse tipo de pesquisa considera os usos das crianças e a interpretação das mídias como processos intrinsecamente sociais; e ela os compreende como processos caracterizados por formas de poder e de diferença. Nesta

perspectiva, o que significa ser criança não é algo fixo ou dado, mas algo socialmente construído e elaborado. (BUCKINGHAM, in Rivoltella 2009, P.126).

Neste caso a fotografia é o fio condutor do diálogo entre educador e educando. Uma construção coletiva que se dá através deste diálogo que, como defende o educador Paulo Freire, precisa partir de uma conversa que deve ser respeitosa, amorosa e libertadora (Freire,1997, p.50).

Esta parte prática do trabalho pretende possibilitar que as crianças e jovens assumam o protagonismo da sua própria história. Durante a realização desta prática, além de fornecer elementos para que eles dominem a tecnologia da fotografia e passem a produzir seu próprio material e a observar o mundo a partir de seu ponto de vista, também será provocada a discussão sobre outras mídias e o mundo digital. Aumentando e transformando

assim a participação destas crianças e jovens em todo o processo e formas de envolvimento com as novas tecnologias. Além disso, essa experiência pode reforçar o objetivo da “pesquisa-ação”, que como já foi citado é de “sempre mudar algo”.

Para isso é preciso partir e compreender a realidade atual, como o propósito de se ocupar do mundo da vida e colocar em “suspenso as afirmações naturais” numa realidade onde ocorre uma explosão da comunicação. Esta explosão dilata os limites temporais e possibilita a interação além do presente, modificando o fenômeno de sociabilidade, que fica mais intenso, multiplicando os espaços e colocando os sujeitos no “meio da rede”.

Este cenário também faz aumentar as possibilidades de relações e os vínculos se fortalecem, abrindo mais para uma racionalidade dialógica. Espaços na rede que também fortalecem a solução de problemas

através da negociação e aumenta a “consciência do outro”. Desta maneira o acesso à informação fica facilitado, o pluralismo é maior, se valorizam os múltiplos pontos de vista e melhora a convivência com as diferenças.

As crianças e jovens passam de simples leitores e receptores de informação, se tornando mais ativas, reforçando assim a ideia do protagonismo e aumentando a consciência do que se está fazendo. Discussões que são recorrentes no campo da mídia-educação. Além disso, partindo da fotografia, pode se provocar muitas outras discussões relevantes para os educandos, como a produção de conteúdos inteligentes a serem compartilhados através da rede, a relação entre família e sociedade através das mídias e ainda, sobre comportamentos da cidadania com os novos meios, discutindo entre outras coisas, respeito, privacidade,

direito, acesso, violação, transgressão, possibilidades, participação e sociabilidade. Sempre entendendo o papel do pesquisador/educador como mediador destas discussões.

Esta reflexão sobre a vida e o cotidiano destes educandos, mediados pelo educador, também tem a intenção de estimular o pensamento crítico e promover autonomia e responsabilidade em relação às mídias.



## 7. Revisão de Literatura

Como já citamos anteriormente, em produções acadêmicas é possível verificar que as discussões sobre crianças e jovens estão sendo travadas por pesquisadores e estudiosos das mais diversas áreas, historiadores, antropólogos, sociólogos, psicólogos, educadores, comunicadores, médicos dentre outros.

Buscamos então realizar uma pesquisa bibliográfica, vasculhando publicações relacionadas ao tema da nossa pesquisa. Para isso, perseguimos algumas palavras chaves, como crianças, fotografia, minorias, mídia-educação, no banco de Teses da Capes ([www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br)), Scielo ([www.scielo.br](http://www.scielo.br)), e ainda publicações da Anpedi ([www.anped.org.br](http://www.anped.org.br)) e do próprio PPGE da UFSC.

Optamos por fazer esse rastreamento a partir de 2005, com a intenção de identificar o que tem sido estudado em relação ao tema nos anos mais recentes. Nessa caminhada, partindo da busca através de palavras chaves, encontramos milhares de publicações, nas mais diversas áreas de pesquisa, o que reforça o que foi citado anteriormente, de que o tema infância é um campo emergente de estudos e um tema de natureza multidisciplinar.

Como partimos de uma pesquisa mais genérica, buscando nos portais através de palavras chaves, um número significativo de publicações relacionadas ao tema foi encontrado, como já citado, nas mais diversas áreas, como educação, comunicação, história, psicologia, enfim, um universo de pesquisa bastante plural.

Apenas para ilustrar, a cada ano, encontramos cerca de três mil publicações relacionadas ao tema. A partir daí, passamos

a uma seleção através da leitura dos títulos, das linhas gerais das pesquisas e dos resumos. Neste universo, fizemos uma primeira seleção, onde separamos aproximadamente 10% das publicações (cerca de 300). Deste total, observamos que a maioria, 60% estavam relacionadas com educação e infância; os outros 40% se dividiam em 7% ligados à fotografia, na qual a grande maioria (90%) estava relacionada às artes; 3% comunicação; 3% psicologia; 3% relacionadas à mídia educação, sendo que 60% eram estudos sobre televisão e o restante se dividia entre cinema e outras mídias; e por fim, o restante do total que selecionamos são estudos ligados à antropologia, sociologia, história e outras áreas.

Mais importante que os números, encontramos nessa pesquisa diversas publicações que vinham ao encontro com nossa proposta e que nos ajudaram na

construção e organização da pesquisa. A partir de agora passaremos a destacar alguns desses trabalhos que tiveram contribuições valiosas para o projeto.

A tese de doutorado: “*Olhares Compartilhados – O Ato fotográfico como experiência alteraria e dialógica*”, defendida na PUC – Rio, em 2005, por Ana Elisabete Rodrigues de Carvalho Lopes, trouxe como objetivo principal “investigar a linguagem fotográfica como meio e mediação dos processos de construção de conhecimento, de constituição de subjetividades e de inclusão social”. A metodologia utilizada pela pesquisadora foi a de pesquisa-intervenção, através de oficinas, denominadas: “*Oficinas de Fotos&Grafias*”, que foram realizadas com crianças portadoras de necessidades especiais. A fotografia, no caso deste estudo, foi explorada como um recurso pedagógico facilitador do processo de construção de conhecimento e de reflexão crítica sobre o

cotidiano. A tese “Olhares Compartilhados” contribuiu muito na construção de nossa proposta de atuação, principalmente na escolha da metodologia de pesquisa-intervenção. Também percebemos que o trabalho realizado pela pesquisadora, com crianças portadoras de necessidades especiais, tinha muita similitude com o trabalho com crianças e jovens de comunidades empobrecidas, pois ambas fazem parte de um grupo de excluídos, que continuam sendo os que mais sofrem com preconceitos e discriminação por parte da sociedade. Também vale destacar que em ambas as pesquisas a fotografia é o principal veículo de interação e observação da realidade desses sujeitos.

Como a nossa proposta é analisar implicações da fotografia na construção dos sujeitos os elementos levantados pela tese contribuíram bastante para nos aproximar de discussões que estão sendo feitas e de

autores que podem ajudar em nossa reflexão. A concepção teórico-metodológica da autora foi baseada no diálogo de pensamentos de autores como Bakhtin e Vygotsky e outros mais específicos da fotografia, como P.Dubois e R.Barthes. O que também ajudou a clarear algumas sugestões de nossa problemática.

Uma das reflexões que podemos citar é discussão de Vygotsky sobre o papel importante das interações sociais no processo de aprendizagem. “Vygotsky destaca o processo de interação constante entre sujeito, o grupo e o contexto onde está inserido como condição para que juntos, possam encontrar diferentes alternativas e estratégias que viabilizem a construção de conhecimentos, valores e subjetividades” (p.46).

Hylío Laganá Fernandes, com sua tese: “*A fotografia como mediadora subversiva na produção do conhecimento*”, defendida em 2005, na Universidade Estadual de Campinas, afirma que: “A imagem pode ser uma

ferramenta no processo de produção do conhecimento, já que sua dimensão polissêmica pode abrir espaço para as múltiplas visões dos alunos, mantendo subversivamente o respeito às suas interpretações e concepções”. Nossa pesquisa visa justamente observar o papel da fotografia como ferramenta na educação e também na construção de conhecimento, portanto, a tese de Hylío se aproxima de nossa pesquisa uma vez que também observa a fotografia como ferramenta. Outra contribuição que podemos destacar nessa tese é que o autor, em sua metodologia, procura sempre respeitar as diferentes concepções e interpretações de seus alunos, o que está em consonância com a nossa proposta que também busca abrir espaço para o “diferente”, visando manter sempre as crianças, jovens e adultos como personagens principais de sua própria história.

Para entender a trama dessa relação entre infância e imagens buscamos amparo na tese de doutorado, defendida em 2005, na área da Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por Susana Rangel Vieira da Cunha: *“Educação e Cultura Visual: Uma trama entre imagens e infância”*. Em uma de suas observações ela afirma: “O conjunto formado pelas imagens é entendido como um cenário, como um texto visual, que ultrapassa sua função decorativa, exercendo uma pedagogia da visualidade, entendida como os modos das crianças verem e entenderem o mundo”.

Para compreender um pouco das discussões sobre sujeitos sociais específicos, como crianças que vivem em comunidades empobrecidas, encontramos uma importante dissertação de mestrado: *“A Auto-Representação Fotográfica em Favelas: Olhares do Morro”*, defendida em 2006, na área de ciência sociais da Universidade do



Estado do Rio de Janeiro, por Fabiane de Moraes Vasconcelos da Gama. A intenção da pesquisadora neste trabalho é “fazer uma análise das imagens produzidas por um grupo, pensando sobre a relação das imagens fotográficas com sua identidade, e como estas podem contribuir para a transformação de um estigma social”. Bastante similar a nossa pesquisa, uma vez que ambas trabalham com fotografia, crianças e sujeito sociais em condições de vulnerabilidade.

Para ajudar a construir a dinâmica de trabalho e pensar no uso da fotografia, como prática social incorporada, “há mais de um século e meio”, ao modo pelo qual se representa o mundo e a nós mesmos, encontramos uma boa discussão na área da educação, na dissertação de mestrado de Ivana Dantas Rêgo: “Ensino de Artes e Fotografia: Um Click na Educação”, defendida na Universidade de Sorocaba, em 2006. A dissertação de Ivana ajudou a amarrar nossa

proposta de atuação utilizando a fotografia como ferramenta no processo educativo.

Nancely Candida Vieira, na dissertação de mestrado defendida na área da educação, da Universidade Nove de Julho, em 2007: “A estética do olhar: o ensino da fotografia sob o prisma do pensamento complexo” apresenta os pressupostos do teórico Edgar Morim, principalmente em relação ao pensamento complexo, o que ajudou bastante a entender o pensamento desse autor. Algumas de suas conclusões também foram valiosas em oferecer argumentos ou subsídios para mostrar que a “fotografia, além de enriquecer, de forma significativa, o currículo, pode estimular a comunicação, a criatividade e o desenvolvimento do espírito crítico do sujeito”.

Para entender o contexto escolar, principalmente na cidade de Florianópolis e iniciativas que envolvam a mídia-educação, o auxílio veio da dissertação de mestrado, defendida em 2008, no PPGE da UFSC:

“Mídia-educação no Contexto Escolar, mapeamento crítico dos trabalhos realizados nas escolas de ensino fundamental de Florianópolis”, de Silvio da Costa Pereira. Em sua pesquisa Silvio traz o mapeamento de todos os trabalhos relacionados à mídia-educação que encontrou na cidade. Desta maneira nos ajudou a compreender um pouco da realidade escolar de Santa Catarina.

Uma constatação feita por ele nas escolas também nos motivou bastante na construção da prática pedagógica envolvendo a fotografia, e a entender a sua importância, “Não cheguei a acompanhar nenhum trabalho que estivesse focado exclusivamente na fotografia, mas ela atravessa vários dos projetos que conheci. Desta forma encaro que o uso da fotografia nas escolas principalmente como apoio pedagógico, a partir de imagens tiradas de livros ou internet, como registro de atividades e, como elemento auxiliar a

projetos e trabalhos desenvolvidos pelos alunos” (p. 47).

Diversas outras publicações contribuíram de maneira diferente na construção de nossa pesquisa, seja na área de fotografia especificamente, ou sobre educação, constituição de sujeitos e subjetividade, entre tantas, gostaríamos de destacar também, uma discussão defendida no PPGE da UFSC, por Mônica Fantim, em sua tese de doutorado: “Crianças, Cinema e Mídia-educação: Olhares e Experiências no Brasil e na Itália”. Considerando a fotografia como também um conteúdo da mídia, a tese nos aproximou do contexto da mídia educação, do trabalho com crianças e ajudou a entender a concepção de mídia-educação que envolve “educar com, sobre e através dos meios”.

## **8 - Desvio e Oportunidades – Oficina da Cáritas**

Desde o começo da concepção e organização desta pesquisa a ideia era aplicar as oficinas para crianças matriculadas no ensino fundamental, de uma escola pública, de um bairro de periferia, da cidade de Florianópolis. Mas, no decorrer do trabalho fui convidado a integrar o projeto da Cáritas Brasileiras, Regional Santa Catarina, chamado Fortalecendo Experiências de Economia Solidária em Santa Catarina, justamente para ministrar oficinas de fotografia com jovens e adultos inseridos no projeto.

Tal indicação foi justificada, em parte pela de minha experiência com oficinas em comunidades de periferia e também, pelo fato de eu estar estudando o uso da fotografia como instrumento educativo, em um programa

de Pós-graduação, em nível de mestrado, na UFSC.

Ao tomar conhecimento dos detalhes do projeto FOORTEES - Fortalecendo Experiências de Economia Solidária em Santa Catarina - da Cáritas, descobri que muito de sua proposta tinha a ver com meus objetivos desta pesquisa, o perfil do público também, e ainda, por conta da própria história da instituição, esse seria um terreno muito fértil para discutir e aplicar conceitos e práticas pedagógicas propostas na pesquisa.

Inicialmente aceitei ser um dos assessores do projeto pela própria possibilidade de trabalho remunerado e pela experiência na aplicação das oficinas. Mas, com o desenrolar do projeto, acontecendo simultaneamente com a realização desta pesquisa, ficou difícil separar as duas coisas, e deixar de observar, também neste projeto, a potencialidade do uso da fotografia como instrumento educativo.

Entendendo que desvios também são portas abertas para novas possibilidades e oportunidades, julguei valioso ampliar o olhar da pesquisa também para essa experiência realizada junto ao projeto da Cáritas.

Como a proposta original, que seguiu sendo realizada, se tratava de oficinas realizadas em um ambiente formal de educação, que é a escola, e com crianças das séries iniciais do ensino fundamental, com uma faixa etária de 6, 7 e 8 anos, e o projeto da Cáritas aconteceu em ambientes não formais de educação, com oficinas em finais de semana e centros de formação da própria Cáritas e de outras entidades, com jovens com idade de 17 a 29 anos de diferentes regiões do Estado de Santa Catarina, considereei pertinente e enriquecedor para a discussão trazer na dissertação também o relato desta experiência. Primeiro, porque as práticas, juntas, abrangem dois ambientes distintos de educação: formal (escola) e não

formal (comunidade) e também dois momentos diferentes de vida: a infância, com crianças das séries iniciais do ensino fundamental, e a juventude, com jovens que participaram das oficinas da Cáritas.

Outro fato que me motivou a também observar a aplicação das oficinas com os jovens com olhar de pesquisador em relação ao tema deste trabalho foi que as oficinas da Cáritas aconteceriam durante um ano, praticamente o período todo que faltava para a defesa desta dissertação, tornando praticamente impossível dissociar as duas coisas. Também considerei que com um período mais extenso de tempo e relacionamento com os participantes das oficinas, seria criado um vínculo diferente e isso ajudaria a refletir sobre outros temas e potencialidades propostas nesta pesquisa e que envolvem diretamente a educação e comunicação, com seus instrumentos e ferramentas.



## **8.1 - Projeto FOORTEES - Fortalecendo Experiências de Economia Solidária em Santa Catarina**

O Projeto Fortalecendo Experiências de Economia Solidária em Santa Catarina é desenvolvido pela Cáritas Brasileira Regional Santa Catarina e patrocinado pela Petrobrás através do Programa de Desenvolvimento e Cidadania.

O Projeto pretende gerar trabalho e renda para os envolvidos, melhorar a comercialização e ampliar a rede de economia solidária. Também visa atender e melhorar as condições de vida de grupos sociais em situação de exclusão social em Santa Catarina. Tem atuação em várias frentes de atividades como oficinas de agroecologia, com catadores de materiais reciclados, cursos de formação em economia solidária, gestão de viabilidade econômica e oficinas de

comunicação (produção de textos, vídeo, web designer e fotografia).

## **8.2 - A Cáritas**

A Cáritas Brasileira é um organismo da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil de promoção e atuação social que tem como objetivo trabalhar em defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Também é uma entidade jurídica de assistência social que faz parte da Cáritas Internationalis. Atualmente conta com mais de 175 entidades espalhadas por todo país.

## **8.3 - As oficinas**

As oficinas de comunicação oferecidas pela Cáritas no projeto FORTEES foram de produção de textos jornalísticos, fotografia, produção de vídeo e web designer, ou

produção e edição de conteúdo para internet. Elas aconteceram em cinco cidades de diferentes regiões do Estado de Santa Catarina, Criciúma, Chapecó, Rio do Sul, Caçador e Florianópolis, mas aqui compartilharemos apenas as experiências de Criciúma e Chapecó, entendendo que representam distintas regiões do Estado e que a capital já estaria representada com a experiência das crianças da Escola Anísio Teixeira.

Toda a programação, carga horária e material para as oficinas, como câmeras fotográficas e computadores já estavam preparados e organizados pela coordenação da Cáritas e os “assessores” ou “facilitadores” das oficinas dialogaram com a coordenação do projeto apenas para preparar o conteúdo e o material didático das oficinas. A coordenação do projeto também se responsabilizou por todas as despesas de

viagem, alimentação e hospedagem de toda a equipe envolvida nas oficinas.

No meu caso, fiquei responsável em preparar e aplicar as oficinas de fotografia, que estavam organizadas da seguinte forma: Em cada cidade foram organizadas duas etapas das oficinas de fotografia durante finais de semana:

**Primeira etapa:** Carga horária de 10 horas, sendo seis no sábado e mais quatro no domingo. O conteúdo dessa primeira etapa foi de breves relatos sobre a história da arte, fotografia, discussão sobre beleza, forma e estética, técnicas de fotografia, composição, luz e enquadramento e exercícios práticos de captação de imagens, diurnas e noturnas.

**Segunda Etapa:** Carga horária 6 horas, sendo duas no sábado e mais quatro no domingo. Conteúdo: produção, leitura e edição de imagens.

## **Criciúma - Primeira Etapa**

A primeira etapa da oficina de fotografia, que aconteceu no centro de treinamento da Epagri, em Araranguá, município do sul do Estado, vizinho de Criciúma, no final de semana dos dias 15 e 16 de outubro de 2011, participaram doze jovens selecionados pelos articuladores regionais da Cáritas, que observaram o perfil socioeconômico e outros critérios para participação do projeto. Destes doze apenas nove participaram da segunda etapa da oficina. O encontro com os jovens foi em uma ampla sala de treinamento, organizada e decorada pelo articulador da Cáritas, com materiais informativos do projeto, da Cáritas, e produtos desenvolvidos por cooperativas que participam da Rede de Economia Solidária.

Minha intervenção com a turma começou logo após uma discussão sobre

mídias e “soberania comunicacional”<sup>9</sup> e a primeira parte da oficina de produção de textos jornalísticos, coordenada pela jornalista de Florianópolis, Miriam Santin de Abreu. Com o conteúdo da oficina já preparado dei início à relação com os alunos, levando em consideração e tentando aplicar um dos pressupostos teóricos de Paulo Freire, que orientara essa pesquisa, que é “partir de uma conversa fraterna e amorosa”, com os jovens participantes da oficina.

Desta maneira, num primeiro momento pedi para que todos modificassem o posicionamento das cadeiras e mesas, que estavam organizados da maneira formal como estamos acostumados na escola, para um grande círculo, onde todos pudessem se observar e se olhar. Depois disso, pedi para

---

<sup>9</sup> Conceito trabalhado pelos comunicadores populares da Venezuela a partir da revolução bolivariana que avança na discussão da democracia nos meios. Soberania comunicacional seria então não apenas a garantia da presença da voz dos movimentos sociais na TV, jornais e rádio, mas a possibilidade de a comunidade também produzir o conteúdo.

que, em duplas, os jovens tivessem alguns minutos de conversa e logo em seguida cada um apresentasse para a turma o seu companheiro de dupla.

A apresentação dos jovens para a turma se pautou basicamente em nome, idade, local onde vivem, profissão e o que estudam. Neste primeiro momento se nota que quase ninguém, ou poucos dos jovens entraram em questões mais pessoais, como família, sonhos, ideais e perspectiva sobre a vida, durante as apresentações.

Quadro I – Perfil dos Participantes da Pesquisa – 2011

<b>Sujeitos</b>	<b>Cidade de origem</b>	<b>Idade</b>	<b>Ocupação</b>
Cric. 01	Timbé do Sul	21 anos	Radialista/técnico em agropecuária
Cric.02	Araranguá	26 anos	Assessor parlamentar
Cric.03	Maracajá	27 anos	Técnica em higiene dental
Cric.04	Morro da Fumaça	17 anos	Estudante
Cric.05	Morro da Fumaça	19 Anos	Eletricista
Cric.06	Morro da Fumaça	17 anos	Locutor
Cric.07	Siderópolis	27 anos	Analista de marketing
Cric.08	Maracajá	26 anos	Programadora
Cric.09	Maracajá	26 anos	Representante comercial

Fonte: Autoria própria

Logo em seguida da apresentação dos jovens dei início a provocação de alguns conceitos e sobre a maneira de como eles observam e entendem a fotografia.

Como a maioria dos jovens que participaram das oficinas é envolvida com suas comunidades e, de diferentes formas, em movimentos sociais, a discussão sobre o tema foi bem rica e múltipla, trazendo à tona observações muito pessoais de cada um. Diferentemente do ambiente escolar, em que



geralmente as coisas são feitas de uma maneira mais obrigatória e com certo ar de responsabilidade, ficou notório que nesse ambiente não formal de educação, a conversa sobre o tema seguiu de maneira fluida e com grande participação de todos. Os pressupostos de Paulo Freire, que indicam ser sobre a própria vida dos educandos e da comunidade que deve partir o diálogo que dá início a todo processo educativo, seguiram orientando a discussão.

Depois da provocação da discussão e de uma organização ainda precária de observações, conceitos, laços e vestígios sobre fotografia manifestados pelos jovens e apresentados para reflexão no quadro, percebeu-se naturalmente que a ideia de fotografia deles muito tinha a ver com o belo, a estética, beleza e a maneira de ver e observar o mundo.

A partir dessa premissa o diálogo foi conduzido em direção a uma discussão sobre

o tema beleza. Justamente o tema de debate também sugerido nesta pesquisa. Num dos diálogos entre os participantes, que de certa forma sempre procuravam colocar suas impressões e manifestar suas opiniões, se observou e enfatizou a ideia da beleza no cotidiano, em pessoas comuns e na vida comum. Ou seja, no próprio ambiente de vida e de convívio social deles. Durante essas pequenas reflexões a fotografia apareceu tanto como registro ou possibilidade de reconhecimento, como com um “ar”, ou status de arte.

Um dos objetivos dessa conversa foi tentar, seguindo a indicação de Denílson Lopes, no livro: **A delicadeza**, “ampliar a definição de arte ao considerar seriamente a cultura popular” (2007, p.21). Ou seja, considerar a cultura dos próprios participantes das oficinas. As ideias defendidas por Lopes também nos ajudaram a orientar a discussão sobre estética e olhar, pois, acreditamos que

seria necessário provocar nos jovens um “olhar estético sobre o mundo, que o captura no tempo e nos seus detalhes”.

Assim, voltamos o olhar para a busca da beleza em lugares comuns, “personagens comuns, na vida comum”. Entendo nessa discussão a fotografia e a comunicação como “compartilhamento de experiência”, que é “instável, impressão, rastro, vestígio” (LOPES, 2007. p. 21).

Dando continuidade à oficina e tentando não perder o foco da discussão, sempre ressaltando a posição deles em relação ao mundo e em que lugar eles se veem e são colocados pela sociedade, entramos na parte do plano no qual trabalhamos especificamente a parte teórica e técnica para a produção de fotografia. Neste momento foram compartilhadas com os participantes as noções básicas de enquadramento, composição, iluminação e produção de imagens fotográficas.

Os equipamentos fornecidos pela Cáritas e que tínhamos a disposição para o trabalho eram 10 câmeras fotográficas, sendo sete compactas, Cannon, com todas as possibilidades de funções manuais; e três câmeras reflex Nikon, consideradas semi-profissionais.

Esta parte da oficina também foi dedicada à observação de referências de imagens, como em revistas e jornais, sendo levado em consideração o perfil dos participantes e da proposta, e de uma forma intencional, pois grande parte do material compartilhado com os jovens não era produtos da grande mídia, ou seja, a maioria era de jornais e revistas de sindicatos, ou de algum movimento social ou popular.

Antes da saída de campo para fotografar, ainda exibi numa tela grande a produção audiovisual “O sul do Mundo”, que produzi em parceria com o fotógrafo Thomas Bisinger (2005), mostrando que o tema tem

muito a ver com identificação cultural e beleza no cotidiano, em cenas produzidas no dia a dia de cidades da América Latina e África. Depois da apresentação os participantes saíram para fotografar, cada um com sua câmera na mão e alguns em duplas para facilitar a produção e promover o intercâmbio de ideias.

Como “assessor” da oficina acompanhei o grupo nessa “experiência” e fiquei responsável por tirar dúvidas e ajudar na produção das imagens de todos os participantes. Depois de algumas horas de prática voltamos à sala de aula e, juntos, passamos a observar e analisar as fotos produzidas.

Notou-se claramente que o ambiente no qual estávamos, um pouco afastado da cidade, e todo o contexto em volta, influenciou bastante na escolha dos motivos a serem fotografados pelos jovens. A maioria focou o olhar para paisagens, plantas e animais e

para um jogo de futebol que acontecia no campo. Ficou evidente que o domínio das novas tecnologias para as novas gerações é um desafio de certa maneira simples de ser superado. Mesmo que a grande maioria, quase que 100% dos participantes, nunca tivesse operado uma câmera digital de maneira totalmente manual, as imagens produzidas pela turma já mostravam certo grau de qualidade e também que eles rapidamente e de uma maneira até fácil passaram a dominar aquela tecnologia.



**Foto 1 - Partida de Futebol - 2011**

A Foto 1 – Partida de Futebol, produzida por um dos participantes da oficina, ilustra bem o domínio dos jovens sobre os aparatos digitais e as técnicas de fotografia discutidas na etapa teórica da oficina. Esta é uma fotografia que de certa forma é um pouco difícil de ser capturada por um fotógrafo iniciante, uma vez que os jogadores estão em plena partida e toda a imagem está em movimento. A fotografia foi produzida com os comandos da câmera todos na função

manual, mostrando que o jovem aprendeu bem as instruções técnicas e conseguiu congelar totalmente a imagem da partida, inclusive a bola no exato momento em que foi chutada por um dos jogadores.

Ficou evidente nas imagens colhidas que os elementos discutidos durante a parte teórica foram levados em conta, tais como o posicionamento em relação ao mundo, a beleza no cotidiano, a representação e o reconhecimento de si. A maioria dos participantes voltou muito o olhar para as cenas comuns do dia-a-dia do campo, e procurou no prosaico e ritual jogo de futebol, eternizar cenas vivenciadas todos os finais de semana que nunca foram observadas sistematicamente como expressão da vida capazes de serem cristalizadas numa foto.

Ficou evidente que, neste primeiro momento, como havia muitas informações teóricas e técnicas, grande parte dos participantes se preocupou mais em dominar



essas áreas, do que trabalhar a composição do olhar e a força das imagens retratadas através de cenas comuns da vida. Contudo, vale destacar que um número bastante expressivo de jovens registrou o próprio exercício da oficina, retratando uns aos outros, o que de certa forma coloca em prática e reforça a ideia do protagonismo e da beleza em contar a própria história vivida, sendo eles os personagens principais daquela narrativa construída através da fotografia.



**Foto 2 - Participantes durante exercício fotográfico - 2011**

Na Foto 2 podemos observar a importância dada por eles em registrar o próprio exercício das oficinas e os colegas durante a prática, reforçando a discussão sobre o valor dado por eles à ideia do protagonismo.

O exercício de apresentação e análise das imagens, feito em comunhão com todos os participantes da oficina, foi um momento bastante enriquecedor da experiência, tanto do ponto de vista teórico, tecnológico e prático, em relação à fotografia propriamente dita, quanto o da observação e reflexão da própria vida e realidade vivida.

Neste primeiro momento um grande número de imagens foi capturado pelos jovens participantes da oficina e, uma a uma, elas foram apresentadas, através de um *Datashow*, para que fossem observadas e analisadas por toda a turma. Durante esse exercício, além do estudo da fotografia e do

material produzido, toda uma sorte de reflexões e debates foi levantada, e sobre os mais variados temas, como profissão, trabalho, família, oportunidades, novas tecnologias, mídia, educação e comunicação. Durante os debates, como “facilitador” da oficina assumi a postura apenas de mediador, deixando que os próprios jovens construíssem suas opiniões e conclusões sobre os temas.

É interessante notar como a observação de uma imagem que teoricamente não teria nenhuma sugestão de debate em si, como a fotografia de uma flor no jardim, por exemplo, levava os jovens a refletir e debater sobre os mais variados temas da vida cotidiana. Isso comprova o quanto a imagem tem força e como ela pode ser tratada como valioso instrumento, ou ferramenta educativa, na contemporaneidade. Porque ao expor detalhes da vida cotidiana, aparentemente invisíveis, como uma flor, a fotografia carrega o olho humano para a possibilidade da beleza,

no mais das vezes escondida, principalmente na vida dos mais empobrecidos dessa nossa América.



**Foto 3 – Natureza - 2011**

A fotografia de uma flor no jardim, Foto 3, além de conter elementos técnicos importantes para a fotografia, como uma boa composição, luz e enquadramento, mostrou a beleza de um detalhe, e incentivou os participantes a debaterem sobre vários temas em relação a detalhes da vida cotidiana.

Também percebemos que durante este trabalho de observação das imagens feito em comunhão com todos os participantes da oficina foi criado naturalmente um ambiente de diálogo, entre o “ser” e seu entorno, provocando assim uma reflexão entre os sujeitos e sua própria cotidianidade, fazendo com que aquilo que Paulo Freire teorizou aparecesse em sua concretude. Os jovens lendo o mundo para além da palavra e se reconhecendo nele como agente de mudança.

Ainda amparados no pensamento e na práxis freiriana, pudemos comprovar na prática muito do que foi indicado em seus pressupostos educacionais alicerçados na comunicação, pois durante esta observação ficou evidente que este processo de “partir da realidade em si” provoca realmente um diálogo que caminha em direção a uma possível transformação da realidade. Ao serem confrontados com as fotos e com os temas que nasciam do debate, os jovens iam

percebendo não só a beleza que se esconde no cotidiano, mas também os limites que se apresentam na vida real, fazendo com que aflorasse um desejo grande de mudar as coisas que claramente são possíveis de mudar. E, como indica Freire (1980), esse processo se realiza: *com os trabalhos educativos, que devem ser realizados com os oprimidos, no processo de sua organização.*

Em todo esse processo é importante destacar a importância da fotografia, já que ela foi o ponto de partida e o principal instrumento durante toda a caminhada. A partir das imagens captadas aleatoriamente no entorno, frações da vida de cada um, a imagem foi o elo que estabeleceu a relação com a realidade do mundo e desde aí, os jovens passaram a pensar o futuro, como algo diferente do que ali se apresentava.

As últimas horas desta primeira etapa da oficina de fotografia realizada em Criciúma foram destinadas a essa observação, já sendo

encaminhada uma pré-seleção das imagens capturadas por cada um, levando em consideração aspectos técnicos, estéticos e de força narrativa e contexto, para que, durante a edição final, realizada na segunda etapa, fosse preparado um ensaio fotográfico de cada participante.

Durante o trabalho realizado no período da noite, foram abordadas técnicas de fotografia noturnas e os jovens fizeram mais uma saída de campo para captar as imagens.

Na manhã do segundo dia da oficina, em comunhão com todos os participantes e junto com a “assessora” da oficina de produção de textos, Miriam Santini, e com o coordenador da Cáritas, Fernando Zamban, foi criado um blog do projeto [www.comfortees.blogspot.com](http://www.comfortees.blogspot.com), com a intenção de ser usado como veículo das oficinas de comunicação, onde todos os participantes podem acessar e alimentar de

conteúdo, seja textos, fotografia, vídeos ou outras produções áudio visuais.

Na mesma hora em que o blog foi criado, alguns materiais, já em condições de irem para “o ar”, como fotografias e textos produzidos pelos participantes, foram publicados. O blog também serve como ferramenta de relacionamento entre “assessores” das oficinas e jovens participantes, no sentido de que ali podem ser publicadas dúvidas, questionamentos e também dicas e correções de trabalhos.

Vale destacar a capacidade do blog, também como mídia e ferramenta do processo educativo e comunicacional. Ferramenta que permite envolver outras tecnologias e mídias e criar em conjunto, educador e educando, um espaço onde acontece o “diálogo educativo”, sugerido por Rivoltella em sua discussão sobre mídia-educação. (RIVOLTELLA, in Fantin, 2006, p.75).



O blog também permite exercitar a possibilidade de protagonismo dos jovens, uma vez que ali, eles mesmos podem criar, representar, produzir e publicar a realidade vivida, de acordo com seus próprios gostos e critérios. Ou seja, eles mesmos sendo os personagens principais de sua própria história.

Ainda, para terminar esta etapa, foi sugerida uma tarefa para ser realizada pelos jovens durante os três meses que teríamos até a segunda etapa da oficina de fotografia.

A proposta da tarefa era de que todos, durante esse tempo, produzissem fotografias de seu cotidiano, levando em consideração aspectos técnicos e teóricos e ainda tudo que foi discutido durante a primeira etapa. Os jovens entregariam prontas as fotos na segunda etapa e, no trabalho, deveria conter fotos produzidas tanto de dia, quanto de noite. Um pequeno ensaio sobre a realidade de cada um.

## **Segunda etapa – Criciúma**

Durante os três meses que se passaram entre a realização de uma oficina e outra na região de Criciúma o blog do projeto e mensagens eletrônicas foram as únicas formas de relacionamento com a turma. Neste período, alguns conceitos teóricos e dicas de fotografia foram publicados no blog para que todos pudessem estudar e praticar a fotografia.

A segunda etapa da oficina aconteceu em uma casa da CNBB, utilizada pela Cáritas, dentro da cidade de Criciúma. Este segundo momento de vivência com os jovens foi destinado a fazer uma pequena revisão de todo o conteúdo teórico apresentado na primeira etapa e partir para um segundo passo, que seria a edição das imagens captadas e produção de um ensaio fotográfico autoral de cada participante.

Nos primeiros instantes da oficina, iniciei o trabalho partindo das imagens produzidas por eles na tarefa que foi sugerida na primeira etapa, mas descobri que nenhum dos participantes realizou tarefa alguma, e o exercício com a fotografia ficou praticamente abandonado durante todo esse tempo. Muitos relataram que tinham dúvidas em relação ao conteúdo aprendido, principalmente porque haviam esquecido por falta de prática no dia a dia.

Recapitulando as informações e refeitas algumas conexões passamos a trabalhar a edição de imagens propriamente dita. A primeira etapa foi selecionar, de cada um deles, as melhores fotografias, para que passassem por pequenos retoques de edição e fossem preparadas para a produção do ensaio de cada um. Neste processo de escolha das fotos os critérios utilizados em relação à beleza foram: luz, composição e

estética da fotografia e também o poder de informação das imagens.

A partir da seleção das melhores imagens de cada um, passamos a utilizar um programa de computação chamado “Gimp 2”, um software livre que tem praticamente os mesmos recursos que o “photoshop”, programa mais usado por profissionais em edições imagens.

Nesta parte da oficina foram apresentadas breves noções de melhoramento e equilíbrio de luz, recorte, tamanho de imagens e mais outras correções que geralmente são praticadas por fotógrafos e veículos de comunicação. Durante esse trabalho, mais uma vez ficou evidenciada a facilidade que os jovens possuem de conhecer e desvendar as ferramentas das novas tecnologias e todos seus aparatos. Como sempre, no que diz respeito a produção da fotografia, a maior dificuldade é a de apurar

o olhar, construir melhores enquadramentos, capturar o essencial.

Cada um dos participantes fez a sua própria edição e produziu seu ensaio fotográfico que foi publicado no blog do projeto. Acredito que a disponibilidade de recurso ajudou bastante na realização dessa prática, pois cada participante da oficina estava com um notebook no qual pode instalar o programa de edição e realizar o trabalho tranquilamente.



**Foto 4 - Pessoas caminhando - 2011**



**Foto 5 - Detalhes Partida de futebol - 2011**



**Foto 6 – Flores - 2011**

Esta série de imagens, Foto 4, 5 e 6, produzidas por diferentes jovens participantes

das oficinas, receberam rapidamente alguns retoques, feitos pelos próprios autores. Foram basicamente pequenas melhorias de luz e pequenos recortes, nada que interferisse drasticamente nas imagens originalmente captadas. Entretanto, estes detalhes possibilitaram outra qualidade, o que comprovou, mais uma vez, a facilidade que os jovens possuem de dominar as novas tecnologias (desde que recebam boas pistas). As fotografias também demonstram uma boa qualidade técnica, no que diz respeito à composição, luz e enquadramento e ainda, possuem muito das características de beleza discutida durante a oficina, como, por exemplo, a Foto 4, que congelou eternamente o passeio de um casal de moradores da região.

Em síntese, percebemos que as intervenções realizadas durante as oficinas afetaram o olhar destes jovens, interferindo mais do que no domínio da técnica, numa

nova possibilidade de ver e capturar o seu entorno.

### **Chapecó – Primeira Etapa**

As oficinas de fotografia em Chapecó foram realizadas em um prédio onde funcionava um antigo seminário da igreja católica e hoje é utilizado como centro de treinamento Cáritas e ainda campus da universidade Unoesc. O perfil dos jovens participantes foi o mesmo das oficinas realizadas em outras cidades, já relatado anteriormente. Participaram das oficinas 14 jovens:

#### **Quadro 2 – Perfil dos participantes da Pesquisa - 2011**

<b>Sujeitos</b>	<b>Cidade de origem</b>	<b>Idade</b>	<b>Ocupação</b>
Chap.01	Chapecó	20 anos	Coordenadora da diocese
Chap.02	Xanxerê	22 anos	Professora de educação infantil



Chap.03	Chapecó	23 anos	Pastoral da juventude
Chap.04	Iporá do Oeste	18 anos	Grupo de jovens Utopia
Chap.05	Chapecó	22 anos	Estudante
Chap.06	Chapecó	21 anos	Agente pastoral
Chap.07	Vargeão	24 anos	Agente pastoral
Chap.08	Chapecó	22 anos	Professora de educação infantil
Chap.09	Chapecó	24 anos	Professora de educação infantil
Chap.10	Chapecó	25 anos	Pastoral da juventude
Chap.11	Chapecó	24 anos	Articulador da Cáritas
Chap.12	São Miguel do Oeste	26 anos	Professor de teatro
Chap.13	São Miguel do Oeste	23 anos	Estudante
Chap.14	Xanxerê	23 anos	Estudante

Fonte: Autoria própria

A dinâmica das oficinas foi praticamente a mesma de Criciúma. Começando com uma discussão sobre comunicação, estética, forma, beleza e posicionamento em relação ao mundo. Portanto, creio que nesse capítulo seja necessário destacar apenas algumas observações feitas durante a prática pedagógica com os jovens.

Mais uma vez o ambiente em que aconteceram as oficinas influenciou bastante

em relação aos temas e motivos a serem fotografados pelos participantes. Da mesma maneira que em Criciúma, a maioria dos participantes focou o olhar para paisagens, plantas, animais e pessoas do entorno.

O domínio das novas tecnologias para as novas gerações de maneira simples e rápida também foi fator comum percebido nesta turma. Como nas outras, a grande maioria, quase que 100% dos participantes nunca haviam operado uma câmera digital de maneira totalmente manual, e mesmo assim, com poucas horas de conteúdo, conseguiram produzir imagens com qualidade técnica e de informação.

Também aqui se pode perceber que todos procuraram fotografar o que estava mais perto, o aparentemente prosaico, tal como o jogo, o animalzinho de estimação, um detalhe da casa, as gentes, cenas comuns e cotidianas. Pouco foi o trabalho de composição, de detalhe estético. Para a

maioria, a reflexão de que a beleza se esconde nas coisas mais simples da vida, fez com que dirigissem o olhar para o que permanece invisível ao olho comum: um encontro de amigos, uma bola rolando, uma cor. Também foi possível notar que, neste primeiro momento, a maioria dos participantes se preocupou mais em dominar a técnica do que trabalhar a composição do olhar e buscar a força das imagens retratadas através de cenas comuns da vida. Ainda assim, o resultado foi muito bom.

Em Chapecó, muitos dos participantes também registraram o próprio exercício da oficina, retratando uns aos outros, reforçando mais uma vez a importância que é dada para o registro da própria caminhada que se compartilha, de acordo com cada ponto de vista. Com a capacidade de registrar o instante fugidio, recortado da realidade mesma, a fotografia serviu como um instrumento que ajudou aos participantes a se

reconhecerem como sujeito de suas próprias histórias.



**Foto 7 - Exercício de captação de imagens - 2011**



**Foto 8 - Participantes fotografando -2011**

Os momentos da prática fotográfica captados de diferentes ângulos, onde uns fotografavam os outros durante o exercício, que podemos observar nas fotos 7 e 8, demonstram novamente o valor dado pelos jovens em registrar sua própria caminhada e se mostrarem como protagonistas de sua história.



**Foto 9 - Natureza – animal - 2011**

A Foto 9 mostra a beleza de um animal, um cachorrinho que apareceu para interagir com a turma, foi registrado como um dos personagens principais da narrativa criada por

eles. A imagem também tem boas qualidades técnicas de composição, luz e enquadramento. A imagem, de certa forma, também nos leva a refletir sobre a presença e valor dado a um animal doméstico que facilmente poderia ter passado despercebido pela turma. O cachorrinho de estimação faz parte da vida cotidiana de grande parte dos lares, principalmente dos bairros de periferia das cidades, e muitas vezes realmente assume e é visto como um dos personagens principais de uma família. Naturalmente aqui nas oficinas foi registrado representando uma forma de beleza da vida comum.

Gostaria de destacar também algumas sutis diferenças percebidas nesta turma, que de alguma maneira contribui para entender os pressupostos trazidos à discussão neste trabalho.

A proximidade entre os participantes das oficinas em Chapecó parecia maior que a

dos jovens de outras cidades, como, por exemplo, os de Criciúma.

Entendo que essa proximidade e intimidade fizeram diferença na realização dos exercícios práticos, as imagens ficaram muito mais próximas e muitos se preocuparam em valorizar a produção de imagens dos colegas e da própria oficina, demonstrando a necessidade de protagonismo dos jovens. A ajuda mútua entre eles e a disponibilidade da maioria de produzir trabalhos de forma coletiva também ficou evidente.

O tempo de observação e reflexão das imagens também foi maior, seguindo o próprio fluxo da manifestação deles em relação às imagens. Os jovens de Chapecó sentiram a necessidade de pensar mais sobre as imagens e compartilhar com o grupo suas reflexões e pensamentos.

O grupo em que trabalhamos era bastante heterogêneo. Alguns já tinham contato e domínio das câmaras e aparatos

digitais, outros, poucos vezes haviam se deparado com aquela tecnologia. A troca de saberes e experiências foi bem importante e fez com que o grupo ficasse muito próximo.

Podemos destacar dois exemplos bem significativos. Uma das participantes, Chap.6, além de agente pastoral, é estudante de jornalismo e já possui experiência tanto na parte teórica, como técnica e prática de produção de imagens. Já a jovem indígena Chap.9, moradora da Aldeia Condá e professora de educação infantil, tinha pouquíssima experiência com as novas tecnologias, não possuía nem mesmo um e-mail e poucas vezes na vida teve acesso a internet.

Como não foi feita nenhuma espécie de nivelamento entre os participantes, todos receberam o mesmo conteúdo e tiveram que trabalhar juntos, no mesmo tempo, com os



mesmo temas e tendo os mesmos compromissos.

Notou-se que as diferenças entre os participantes do grupo, seja no grau de instrução, acesso as tecnologias, ou em relação às distintas realidades de vida e de formas de observarem o mundo a sua volta, não gerou obstáculos e tampouco grandes distâncias no que diz respeito ao material fotográfico produzido por eles.

### **Chapecó – Segunda Etapa**

A segunda etapa da oficina de fotografia realizada em Chapecó também se concentrou em uma revisão de todo o conteúdo teórico apresentado na primeira etapa e o trabalho de edição das imagens captadas, com o propósito de produzir um ensaio fotográfico autoral de cada participante. Como aconteceu em Criciúma,

nenhum dos participantes da oficina realizou a tarefa que foi sugerida na primeira etapa e as dúvidas em relação ao conteúdo aprendido também surgiram.

Utilizamos o mesmo programa de edição, o “Gimp 2” para produzir o ensaio fotográfico de cada participantes para ser publicado no blog do projeto.

Durante esse trabalho, mais uma vez ficou evidenciada a facilidade que os jovens possuem de conhecer e desvendar as ferramentas das novas tecnologias e todos seus aparatos. Mesmo os que não tinham tanta afinidade com computadores e softwares conseguiram realizar a tarefa e concluir o ensaio fotográfico.



**Foto 10 - Trabalhadores preparando almoço**

Uma das imagens escolhidas para compor o ensaio de um dos participantes, Foto 10, registrou o momento em que os trabalhadores do centro de formação preparam o almoço da turma. Fotografia que também comprova que depois da discussão sobre beleza provocada durante a parte teórica, muitos passaram a voltar os olhos e valorizar cenas comuns do cotidiano da vida.



**Foto 11 - Torcida futebol - 2011**



**Foto 12 - Garoto brincando - 2011**

As fotos 11 e 12 demonstram diferentes momentos de uma brincadeira de futebol, a primeira registrou jovens observando a criança e esperando o momento de jogar, e a segunda congela exatamente o momento em que a criança vai chutar a bola. Ambas as imagens possuem boa qualidade técnica e também registram a beleza vivida em cenas comuns do cotidiano.



**Foto 13 – Escadaria - 2011**

A Foto 13 ajuda a comprovar que rapidamente e de uma maneira até fácil, os jovens participantes das oficinas passaram a dominar a tecnologia fotográfica e produzir imagens com bastante qualidade técnica e beleza. Demonstra também a apuração do olhar e capacidade de observar formas e beleza nos detalhes.

Durante a realização do trabalho de edição das imagens e, em parceria com a oficina de produção em vídeo que estava sendo realizada no mesmo fim de semana, foram coletados alguns pequenos depoimentos dos participantes, que puderam manifestar as suas considerações e sentimentos em relação à oficina de fotografia. Gostaria de destacar alguns, que elucidam e ajudam a responder alguns dos questionamentos levantados na proposta desta pesquisa.

Chap.06, 21 anos, agente pastoral e estudante de jornalismo, destacou que a

oficina: “Dá a possibilidade de um novo olhar sobre temas que a gente vê todos os dias, mas que não se aprofunda”.

Chap.3, 23 anos, da pastoral da juventude, afirmou que a participação nas oficinas “foi muito proveitosa, principalmente para trabalhar na área social, fugindo da tradicional mídia capitalista”.

Chap.09, jovem indígena e professora de educação infantil na escola de sua comunidade, comentou sobre a importância do conhecimento compartilhado durante as oficinas: “Está sendo uma ótima oportunidade de aprender e levar isso para o meu povo, muito importante para valorização de minha cultura. Gostaria de levar para a nossa aldeia os ensinamentos sobre fotografia, pois lá pouca gente sabe isso”.

Acreditamos que os depoimentos dos participantes ajudam de forma significativa a entender a relação que eles estabeleceram com as imagens que retratam suas próprias

vidas e também na comprovação da importância da fotografia como instrumento no processo educativo. Sempre é bom ressaltar que foi através da produção e da observação das fotos que se gerou toda uma sorte de discussões sobre a vida e, de certa forma, impulsionou os jovens participantes a caminharem em busca de uma possível transformação de suas realidades.

### **Chapecó – Encerramento e pequenas reflexões**

Vale a pena destacar alguns pontos sobre esse pequeno momento de encerramento e entrega dos certificados aos jovens participantes das oficinas de comunicação em Chapecó. Antes da chamada de um por um dos jovens para entrega do documento, coordenadores da Cáritas e “assessores” das oficinas tiveram um tempo para fazer uma breve avaliação sobre as



oficinas e sobre o trabalho realizado por cada um. Uma conversa, franca, aberta e respeitosa foi provocada junto à turma.

Muitas impressões e opiniões foram manifestadas, mas de maneira geral todos os participantes elucidaram a importância da comunicação no mundo de hoje e a proximidade que eles têm com essa realidade tecnológica. De uma maneira ou de outra todos se disseram transformados com as práticas e afirmaram estar com “os olhos mais apurados” para observarem e registrarem a realidade em sua volta. Foi senso comum entre eles, a necessidade e a importância da valorização da própria história e da busca da beleza no cotidiano da vida, coisa que eles puderam praticar no ensaio fotográfico.

Interessante também foi observar que, durante essa pequena conversa, a maioria se mostrou disposta a levar o trabalho adiante, voltar a se reunir com o grupo e, quem sabe, constituir uma cooperativa de comunicação

social, onde todos pudessem trabalhar e atuar de acordo com suas afinidades e potencialidades.

O exercício de se observar e se reconhecer como sujeitos e protagonistas na produção da história contada através da fotografia, segundo relato dos participantes, pareceu a grande motivação para o desejo de prosseguir, tanto que ali mesmo alguns compromissos e metas de trabalhos coletivos já foram assumidos pela turma.

Assessoria para pastorais e entidades sociais, jornais de paróquia ou de bairro, publicidade, rádio comunitária, muitas possibilidades foram levantadas, mas o mais importante, no meu ponto de vista, foi que as provocações feitas durante as oficinas e a prática pedagogia envolvendo imagens e fotografias, junto àquele grupo de jovens, despertou a confiança na capacidade da realização de trabalhos concretos, produzidos em comunhão pelo grupo. Tudo envolvendo

comprometimento, envolvimento e responsabilidade. Talvez pequenos passos em direção a uma possível transformação social, uma das hipóteses também levantadas nesta pesquisa sobre o uso da fotografia como instrumento no processo educativo.

Acreditamos que esta prática pedagógica, envolvendo os jovens com técnicas de produção e disseminação de cultura, provocou novos olhares em relação ao mundo e suas próprias realidades, e assim, de alguma maneira, todos, educandos e educador, saíram modificados, confirmando o que bem defende Maria Luzia Belloni no livro “O que é mídia educação”, “ao interferir nos modos de perceber o mundo, de se expressar sobre ele e de transformá-lo, estas técnicas modificam o próprio ser humano” (p. 17, 2005).

Consideramos que nesta oficina também se confirmou a nossa hipótese acerca

do papel emancipador que a fotografia pode ter. Não se trata somente de um novo aprendizado, mas de uma nova possibilidade de olhar e ver o mundo.

## **9 - Oficinas com crianças Escola Professor Anísio Teixeira**

As oficinas de fotografia com as crianças dos anos iniciais, 1º e 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Básica Municipal Professor Anísio Teixeira aconteceram em parceria com o projeto “Prática de Ensino, Imaginação e Arte no Desenvolvimento da Consciência Crítica”, coordenado pela professora Luciane Maria Schindwein e realizado pela bolsista da graduação em Pedagogia da UFSC Andriele Ramos Pellenz.

Como os objetivos principais desse projeto eram justamente “Verificar a relação

entre o desenvolvimento dos processos imaginativos e criativos e o desenvolvimento da consciência crítica sobre a realidade e promover situações educativas, no âmbito da prática de ensino, que favoreçam o desenvolvimento de processos imaginativos e criativos nas crianças, alunos dos anos iniciais do ensino fundamental”, entendemos que a as oficinas de fotografia poderiam se encaixar ao projeto.

### **9.1 - Chegada à escola**

Nossa chegada a Escola Básica Municipal Professor Anísio Teixeira se deu por intermédio da professora Luciane Maria Schindwein que já em outros semestres coordenava projetos na escola. O primeiro dia na escola foi para uma reunião para apresentação da proposta para a diretora Cláudia, a supervisora Adriana e as duas

professoras das turmas do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, Cláudia e Tatiane.

## **9.2 - “Prática de Ensino, Imaginação e Arte no Desenvolvimento da Consciência Crítica”**

Durante a reunião a professora Luciane Maria Schlindwein explicou para a coordenação da escola e as professoras os objetivos do projeto “Prática de Ensino, Imaginação e Arte no Desenvolvimento da Consciência Crítica”. Apresentou algumas obras dos artistas catarinenses Meyer Filho e Franklin Cascaes, que serviram de base na intervenção com as crianças. Ambos os artistas possuem como principal característica de suas obras o retrato de cenas do cotidiano e do folclore local da ilha de Santa Catarina, o que ajudaria no trabalho com o imaginário das crianças. Ficou acordado com a direção da escola que as oficinas do projeto

aconteceriam nas segundas e terças feiras dos meses de abril, maio e junho, com as turmas 1º e 2º ano do Ensino Fundamental.

Depois de explicar também como funcionaria a parte das oficinas de fotografia, ficou decidido que, duas dessas semanas seriam dedicadas para as oficinas de foto.

### **9.3 - Fotografia 1º ano**

Nossa primeira intervenção com a fotografia na escola aconteceu com as crianças do 1º ano do ensino fundamental. Para realizar as oficinas fomos eu, a professora Luciane Maria Schindwein e a bolsista da graduação em Pedagogia da UFSC, Andriele Ramos Pellenz, e ainda, contamos com a ajuda da professora da turma, Tatiane. Doze crianças participaram dessa primeira etapa da oficina.

Como são tradicionalmente organizadas as salas de aulas das escolas, encontramos as

crianças sentadas em cadeiras e com suas carteiras arrumadas umas ao lado das outras e enfileiradas. Uma das primeiras propostas ao grupo foi que sentássemos todos em um grande tapete no chão e, organizados em círculo, para que todos pudessem olhar uns para os outros. A professora Luciane iniciou o diálogo com as crianças nos apresentando e relembando algumas das obras Meyer Filho e Franklin Cascaes e exercícios que haviam realizado na semana anterior.

Logo em seguida entrei com a parte da fotografia, em uma didática discutida previamente com a orientadora Luciane, mas que, seguindo as propostas sugeridas nesse trabalho, muito partiriam da própria vivência, realidade e desejo daquelas crianças. Inicialmente tivemos uma pequena conversa sobre beleza, de uma maneira bem simples, levando em consideração que eram crianças de seis e sete anos de idade. Nesse primeiro momento as crianças manifestaram suas



referências de beleza e pudemos discutir durante alguns minutos sobre esse tema. Depois sugerimos que as crianças se dividissem em duplas e ficassem durante alguns instantes observando frente a frente, umas as outras, para que, na sequência, fosse feita uma pequena apresentação, em que cada um apresentou seu colega, com nome, idade e as características físicas que conseguiram observar. Algumas crianças apresentaram mais desenvoltura, mas em geral, falaram sobre cor do cabelo, características dos olhos, da boca, nariz e também alguns detalhes das roupas, como cores e desenhos.

Após a apresentação, ainda em sala de aula, fizemos um exercício de produzir um autorretrato, em folha A 4, onde cada um desenhou a si mesmo da maneira que queria se auto representar. Terminados os desenhos todas as crianças apresentaram, uma a uma, para o grupo.



**Foto 14 – Auto Retrato – 1 - 2012**



**Foto 15 - Auto Retrato – 2 -2012**



**Foto 16 - Auto Retrato – 3 -2012**

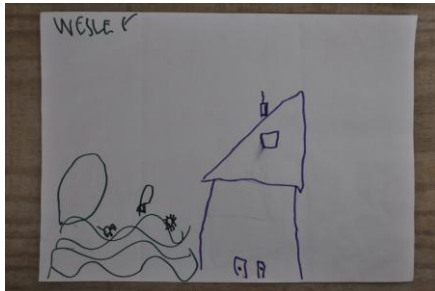
A ideia da produção do autorretrato e de as próprias crianças apresentarem seus desenhos para o grupo foi justamente colocar em prática as premissas teóricas discutidas no trabalho, principalmente as de Paulo Freire, que nos indica que o primeiro passo numa intervenção educativa é justamente partir da realidade vivida pelos educandos. Dessa maneira, acreditamos que essa metodologia nos ajudou muito a entender a realidade das crianças, como elas mesmas se observam e de que maneira gostariam de ser representadas para os outros.

A observação dos desenhos produzidos e dos detalhes das apresentações feitas pelas crianças em sala de aula já nos levou a uma comprovação, mesmo que ainda precária, dos conceitos de infância por Quinteiro, Carvalho e Serrão, já citados anteriormente, que considera “a infância comunicadora, atuante, portadora e construtora da história e da cultura, dotada de iniciativa capaz de construir a própria identidade moral, social e cultural” (2007, p. 54).

Dando sequência ao trabalho, entregamos para as crianças uma espécie de “visor” de câmera fotográfica, que foi recortado em cartolina. Cada uma recebeu um “visor” e saímos com todo o grupo, num passeio pela escola, com o propósito de que elas simulassem o ato de fotografar através daqueles visores. O objetivo do exercício era praticar e estimular os olhares das crianças na decisão de “o que?” e “como?” eles gostariam de retratar a escola através de fotografias.

Este momento gerou certa euforia no grupo e a maioria se mostrou empolgada, “tirando fotos” de um lado a outro da escola.

Retornamos para a sala de aula e propusemos que elas produzissem mais um desenho, e desta vez com a reprodução das imagens que haviam “captado” durante a simulação da produção fotográfica na escola.



**Foto 17 - Desenho da Escola – 1 -2012**



**Foto 18 - Desenho da Escola – 2 - 2012**



**Foto 19 - Desenho da Escola – 3 - 2012**



**Foto 20 - Desenho da Escola – 4 - 2012**

Depois que todos acabaram seus desenhos, mais uma vez foi feita uma pequena apresentação ao grupo para que todos pudessem ver os desenhos juntos e

podéssemos continuar nosso diálogo com as crianças, principalmente em relação à escolha delas, as formas de beleza e a maneira como elas se representaram, assim como a escola. Logo após a esta pequena apresentação e conversa sugerimos que as crianças levassem aquele “visor” para casa e praticassem a fotografia através dele. A proposta era de que elas retratassem sua realidade através daquela simulação fotográfica.

#### **9.4 - 1º ano – segundo encontro**

O segundo encontro com a turma do primeiro ano aconteceu depois de uma semana. Mais uma vez fomos, eu, a professora Luciane Maria Schlindwein e a bolsista da graduação em Pedagogia da UFSC, Andriele Ramos Pellenz, para realização das oficinas. Começamos o trabalho com as crianças partindo do relato

que elas fizeram sobre a prática com os “visores” durante a semana.

Muitos relataram que “fotografaram” animais domésticos, pessoas da família, temas relacionados à natureza como árvores e pássaros e ainda cenas do cotidiano da escola. Depois de conversamos sobre “as imagens” feitas durante a semana partimos para a atividade prática com as fotografias. Mais uma vez sentamos no chão, em roda, no fundo da sala de aulas. Então passei para elas algumas breves noções de luz, enquadramento e composição.

Optamos por usar câmeras fotográficas analógicas e descartáveis com as crianças. Cada câmera destas permite que se faça 27 exposições, e assim, programamos que cada criança tirasse quatro fotos. A proposta era que elas retratassem a escola, de maneira que pudéssemos apresentá-la a uma pessoa de fora, que ainda não a conhecesse.



Antes de sairmos da sala para fotografarmos com as câmeras analógicas, fizemos um pequeno exercício com uma câmera digital. Nesta prática, todas as crianças captaram uma imagem e observamos uma a uma, de todo o grupo. Durante a observação das fotos, pudemos conversar mais um pouco sobre a escolha de cada um e ainda, alguns detalhes sobre técnicas de composição, enquadramento e luz.

Logo em seguida, dividimos a turma em dois grupos. Um grupo saiu para fotografar com a bolsista Andrielle e mais uma estudante de pedagogia, e outro grupo saiu para fotografar comigo e a professora da turma. Para organizarmos melhor a prática e para que depois ficasse mais fácil a observação do trabalho, fizemos uma tabela, onde foram anotadas as datas e as crianças que fizeram cada exposição.

Tudo o que foi fotografado pelas crianças foi decidido por elas mesmas, mas

também com nossa influência nas decisões, pois percebemos que muitas das crianças tinham certas dificuldades e, ainda, se as deixássemos totalmente livres, muitas fotos ficariam iguais, ou muito semelhantes, tendo em vista que a maioria decidia por fotografar os próprios companheiros da turma, principalmente em brincadeiras no parquinho da escola.

Mas, algumas crianças também decidiram por elas mesmas fotografar a direção da escola, alguma sala de aula, a biblioteca e o refeitório. Percebemos também que muitas delas voltavam o olhar para estruturas físicas da escola, mas algumas também se preocuparam em fotografar algum professor ou outro funcionário. Observou-se que tanto quanto os jovens das oficinas das Cáritas as crianças igualmente voltavam seus olhares para as coisas mais prosaicas e simples, casando assim com a ideia de beleza que procuramos passar.



**Foto 21 - Estagiárias durante prática com as crianças – 2012**



**Foto 22 - Estagiária e crianças da Escola – 2012**

As fotos 22 e 23 mostram a interação das crianças com as estagiárias que ajudaram na realização das oficinas. Ambas representam o valor dado por elas em registrarem uns aos outros e eles como protagonistas do exercício prático com a fotografia. As imagens captadas pelas crianças demonstram que eles se

preocuparam muito mais em captar o momento, a beleza da cena do cotidiano em si, do que em detalhes técnicos, como composição, luz e enquadramento.



**Foto 23 - Trabalhadora da Secretaria –  
2012**

A Foto 23 foi produzida por um dos participantes sem nenhuma interferência e também mostra o valor dado pelas crianças em registrar pessoas próximas, em observar a beleza em uma pessoa comum do dia a dia da escola.

Depois da saída para produção das fotos retornamos com o grupo para sala de aulas e ficou combinado que o trabalho com elas seguiria com o projeto “Prática de Ensino, Imaginação e Arte no Desenvolvimento da Consciência Crítica”, dando sequência à proposta e, em outro encontro numa semana das oficinas do projeto, regressaríamos com as fotos reveladas e ampliadas, para continuar a discussão e o trabalho com a fotografia.

### **9.5 – 2<sup>o</sup> Ano – primeira etapa da oficina**

A primeira etapa da oficina de fotografia com as crianças do segundo ano do ensino fundamental da escola aconteceu numa terça-feira, um dia após a atividade com as crianças do primeiro ano.

Utilizamos a mesma metodologia da oficina com as crianças menores, partindo de uma conversa em que elas pudessem fornecer os elementos para uma discussão

sobre beleza. Da mesma forma, elas estavam organizadas em sala de aula com as cadeiras e carteiras lado a lado e enfileiradas. Como na turma anterior sentamos em círculo no fundo da sala, começamos o nosso diálogo. Depois de levantadas algumas noções de beleza, manifestadas por elas durante a conversa, fizemos algumas considerações com o objetivo de provocar certa “reflexão” sobre o olhar e a forma delas reconhecerem beleza.

Nesta turma chamou a atenção o grande número de respostas que evocavam uma noção de beleza mais material. Grande parte das crianças apontou como sendo belas as coisas materiais de suas casas, como por exemplo, geladeira, televisão, vídeo games e outros eletrodomésticos. Talvez as respostas tenham partido para essa direção muito pela influência de uma das primeiras respostas, de uma criança que disse que o que achava bonito em casa era a televisão. Mas, durante essa primeira conversa, tivemos que

influenciar um pouco no olhar das crianças, na medida em que fizemos certos questionamentos que remetiam a beleza das pessoas, como por exemplo, pais e familiares, e outras cenas do cotidiano de suas comunidades.

Após essa pequena provocação, passamos a proposta dos minutos de observação, frente a frente, divididos em duplas, e uma apresentação, sendo que cada um apresentava o seu colega. Durante esse exercício o que despertou atenção foi que, um pouco diferente da turma dos mais novos, as crianças do segundo ano descreveram muito mais características de roupas e objetos dos colegas, do que as características físicas de cada um. O que nos sensibilizou em também provocar uma pequena reflexão sobre o ato de ver.

Depois do diálogo com as crianças, partimos para o exercício do autorretrato e a apresentação de cada desenho.



**Foto 24 - Auto Retrato - 1 Turma – 2 – 2012**



**Foto 25 - Auto Retrato - 2 Turma 2 – 2012**

Logo em seguida, distribuimos os “visores” para a simulação fotográfica e



saímos para um passeio na escola. A turma do segundo ano tinha mais crianças, 20, e foi um pouco mais difícil de controlar a atenção e direcionar o exercício. Retornando a sala de aula, pedimos para que as crianças reproduzissem através de desenho, alguma das imagens “captadas” durante a simulação da produção fotográfica.

A sugestão de que levassem os “visores” para casa e praticassem a fotografia também foi feita para a turma. A proposta foi prontamente apoiada pela professora da turma, que inclusive marcou o exercício como tarefa de casa das crianças.

## **Segunda Etapa**

O encontro seguinte com as crianças seguiu a mesma dinâmica que com as crianças do primeiro ano, juntamente com a professora da turma, elas saíram para fotografar a escola utilizando câmeras

fotográficas compactas e descartáveis, onde cada uma poderia utilizar até quatro exposições.

Entusiasmados com a prática a maioria delas optou também por fotografar os próprios colegas durante o exercício com a fotografia e também cenas do cotidiano da escola, como brincadeiras no parque ou na quadra, e ainda, salas de aula, biblioteca e refeitório.

Observando as imagens produzidas por elas, fica evidente que as crianças deram bastante atenção ao que foi discutido anteriormente nas oficinas, preocupando-se de maneira mais profunda com o conteúdo da foto do que com a técnica. Registraram momentos do dia a dia escolar, levando em consideração que eles mesmos eram protagonistas de sua própria história e também valorizando cenas dos colegas, dos professores e de outros trabalhadores da escola.



**Foto 26 - Criança e Trabalhadora da biblioteca - 2012**



**Foto 27 - Estudantes na Sala Informatizada – 2012**



**Foto 28 - Trabalhadora da Cantina da Escola - 2012**

A série de imagens, fotos 26, 27 e 28, comprovam a preocupação dada pelas

crianças em captar beleza no cotidiano da escola e registrar cenas comuns deles mesmos interagindo com colegas, com outros estudantes e com professores e trabalhadores da escola. As crianças desprenderam muito mais atenção em registrar o momento em si, do em se preocupar com as questões teóricas e técnicas da fotografia.

## **10 – Considerações finais**

Iniciamos nossa caminhada no mestrado em educação com a hipótese de que a fotografia pode ser um importante elemento no processo educativo. Mas, não apenas como estratégia didática para prender atenção ou coisa assim. Nossa premissa primeira – elaborada a partir da vivência enquanto acadêmico de jornalismo nas comunidades de periferia – era de que a construção de uma imagem pode trazer ao educando reflexões importantes sobre a beleza e possibilidade de transformação da realidade. E foi esse o motor da pesquisa que agora finalizamos.

O processo de investigação teve início com a discussão do conceito de infância e criança, o qual apresenta grande diversidade, a considerar a quantidade de autores que já trabalharam com o tema. Nós partilhamos da concepção de que as crianças não são

sujeitos passivos nem tampouco tábulas rasas onde o educador pode colocar a sua marca. A criança é sujeito ativo, criador e potencialmente capaz de tornar-se protagonista de sua história.

Baseados nisso direcionamos as oficinas com crianças das primeiras fases do ensino fundamental, por acreditar que é nesta faixa etária que se constituem os sentidos por parte dos pequenos. Também optamos por trabalhar com crianças de comunidades empobrecidas porque concretamente elas fazem parte do que o filósofo argentino Enrique Dussel chama de “comunidade das vítimas”, no mais das vezes despojadas das inovações tecnológicas que estão cotidianamente nas escolas particulares.

Fundamentamos nossa abordagem em pelos menos dois grandes educadores latino-americanos: Paulo Freire e Simón Rodríguez que, apesar de separados no tempo em mais de um século, confluíram em aspectos

básicos da pedagogia, entendendo que o aluno – se colocado diante da possibilidade do protagonismo – pode dar origem a inovadoras formulações. Inventar, como dizia Rodríguez e ser capaz de ler o mundo, como ensinava Freire. A partir desses pilares construímos a metodologia das oficinas de fotografia. A intenção era trazer a tecnologia da criação da imagem para que as crianças pudessem inventar “novas liras”, sempre desde sua própria realidade, capacitadas para “olhar” o mundo, apreendê-lo através da imagem e narrá-lo a partir do sentido do discurso imagético.

Também destinamos algumas páginas para a discussão da fotografia em si que, afinal, seria o canal por onde toda essa expressão iria fluir. Desde a história até a ideia de constituição de sentido como uma narrativa que se faz a partir do olhar em direção ao outro, um olhar que abarca,

congela na imagem, mas ao mesmo tempo expande um desejo sobre o mundo.

No processo de construção do trabalho se apresentou um atalho: a possibilidade de também realizar oficinas com jovens, reunidos em um projeto da Cáritas, o que acabou tornando a investigação mais interessante uma vez que nos permitiu comparar a capacidade de apreensão do adulto com a da criança, apresentando surpreendentes conclusões.

Vale lembrar que o nosso trabalho e envolvimento com a comunicação e a fotografia sempre foi a principal motivação, desde o princípio da elaboração do projeto. Mesmo ainda sem nos dedicar exclusivamente a estudar e colocar à prova a fotografia como instrumento no processo educativo, o trabalho prático realizado com crianças, jovens e adultos, de diferentes comunidades espalhadas pelo Brasil e América Latina, já nos davam fortes indícios



de que a fotografia poderia sim cumprir um papel importante e quem sabe fundamental na educação das pessoas, nos dias atuais.

Como já citamos anteriormente, mesmo que dados oficiais em relação à educação no Brasil e na América Latina, comprovem que o total acesso as novas tecnologias ainda é pequeno neste lado do sul do mundo, ficou comprovado que as crianças e jovens que participaram dos projetos das oficinas estão muito habituados e familiarizados com a fotografia e todos os aparatos digitais que envolvem a sua produção. O mundo das imagens, potencializado e propagado principalmente através da televisão e da internet é um mundo conhecido por eles, comum, faz parte de suas realidades e é tratado por eles de uma maneira natural. As imagens e fotografias hoje representam para as pessoas quase que o mesmo que a realidade vivida e fica impossível dissociá-las da vida real e de seus cotidianos.

O trabalho realizado com as crianças das séries iniciais do ensino fundamental e dentro do ambiente escolar, no horário formal das atividades escolares, nos apresentou pontos comuns aos do trabalho com os jovens em ambientes informais de Educação que podem nos levar a uma possível comprovação de que realmente a fotografia, no mundo atual, pode exercer um papel fundamental em todo o processo educativo, até porque as novas gerações – munidas de celulares e máquinas digitais - já praticamente nascem alfabetizadas nessa linguagem.

A utilização da fotografia como principal instrumento de todo o processo educativo, realizado através das oficinas com as crianças e jovens, nos levou a refletir sobre esse poderoso instrumento, que de acordo com o que foi levantado por nossa pesquisa, não está sendo bem utilizado, ou usado em sua plenitude, no processo educativo. Seja porque os educadores não vislumbraram essa

possibilidade, seja porque as condições de trabalho nas escolas públicas tampouco favorecem a uma educação criativa e inovadora. Propostas de educação que envolvam o uso da fotografia, ou outras formas de comunicação e mídia, dentro de ambientes formais e informais de educação ainda é muito pequeno e, com isso, perde-se uma boa oportunidade de “freirianamente” dialogar com uma tecnologia que hoje já está completamente incorporada na vida das pessoas. Se educar pressupõe partir da realidade real do educando, a imagem, hoje, pelo menos no espaço da cidade, é elemento prioritário.

Isso pode ser facilmente comprovado na medida em que novas pesquisas revelam o exponencial crescimento do acesso às novas tecnologias, principalmente a internet, na qual as pessoas das mais diferentes idades já estão habituadas e familiarizadas a viverem no chamado “mundo digital”, onde as

fotografias e imagens são os principais veículos. E, ainda que nas escolas públicas esse acesso seja limitado, a criança consegue entrar nesse mundo através das casas de internet (as populares lan house).

Por conta disso, nada mais natural que os educadores pudessem, desde a fotografia, que passa a ser uma linguagem corrente no mundo virtual, potencializar o processo educacional com práticas pedagógicas que envolvessem esse fazer. Retratar a vida em movimento, dialogar sobre os eventos cotidianos e a relação do educando com o mundo, fortalece a compreensão da realidade e abre a possibilidade de transformação. Quando, a partir de uma imagem cristalizada, o aluno começa a perceber a sua rua, seu bairro, sua cidade, essa narrativa congelada o coloca reflexivamente diante da realidade. E, a partir da reflexão sobre o mundo, o educando pode formular novas possibilidades e maneiras de organizar a vida.

Assim, com a experiência das oficinas realizadas, não vacilamos em afirmar que a fotografia é hoje – mais do que nunca - um poderoso instrumento no processo educativo de crianças, jovens e adultos. Compreender esse fazer e dele se apropriar pode também transformar a relação na sala de aula, aproximando o educador da realidade concreta do educando, fazendo com que o processo educativo aconteça de forma fluida e natural.

A experiência e dados levantados, principalmente no que diz respeito à escola e ao ensino formal, nos mostrou que a maioria dos espaços escolares públicos ainda não estão equipados e capacitados para realizar realmente um trabalho efetivo e eficiente em relação a comunicação, o uso da imagem e a educação. Como já relatamos, muitas escolas não possuem laboratório de informática adequados, e as que possuem, em muitos dos casos, não contam com profissionais

realmente capacitados para exercerem a função de um educador que trabalhe com comunicação. Mas, esse fato em si não inviabiliza que a fotografia seja usada como elemento pedagógico porque, como já constatamos também, as crianças conseguem acesso por outras vias que não a escola. Postagens nas redes sociais são cada vez mais frequentes e nelas, a imagem é “filé mignon”. Como um exemplo bem local podemos citar o caso da jovem de uma escola da capital catarinense que criou um “diário de classe”, onde mostra através da fotografia os problemas que vivem no cotidiano escolar. O sucesso do blog foi tão grande que virou até notícia nacional. Ou seja, a narrativa imagética foi de fundamental importância para denunciar e transformar a realidade. Nesse caso, o acesso à internet deu-se por outras vias que não a escola e foi a fotografia o motor do sucesso da proposta. Assim, acreditamos que a falta de condições e

acesso na escola não são barreiras a impedir o debate sobre o discurso da imagem e sobre a alfabetização do olhar.

Outra constatação que gostaríamos de destacar é em relação formação e capacitação profissional desses professores e profissionais da educação, que atuam diretamente com as crianças e jovens. Através de relatos dos próprios profissionais e de dados coletados na pesquisa, pudemos observar que muitos deles realmente não estão capacitados, nem sequer recebem qualquer tipo de formação para atuarem nessa área da comunicação, que hoje assoma como parte constitutiva da sociedade. Muitas vezes, como a escola e alguns outros ambientes educacionais ainda estão alicerçados em estruturas e projetos pedagógicos ultrapassados, fica patente que educadores e educandos vivem em mundos radicalmente diferentes no que diz respeito a comunicação e as novas tecnologias. De novo

podemos trazer o caso da estudante do “diário de classe”. Sem saber como lidar com a liberdade e a criatividade da aluna, os professores, assustados, decidiram apelar para a justiça, tentando evitar que as imagens seguissem sendo postadas na internet. Ou seja, em vez de aproveitarem o episódio para se apropriarem da linguagem e dialogarem com os estudantes numa mesma língua, preferiram criminalizar a “ousadia”.

Para os pequenos e jovens educandos, a fotografia, computador, a internet, e todos os aparatos digitais são “coisas comuns”, naturais. Muitos já nasceram nessa “era digital” e com certeza a maioria cresce e é “educada” totalmente inserida dentro dessa realidade. Já para os professores e educadores, principalmente os de longa caminhada nessa área, o “mundo digital” é ainda um mundo a ser conhecido e desvelado. O que, de acordo com o que podemos observar, cria uma espécie de “obstáculo”, um



“ruído” entre educadores e educandos em todo o processo educativo.

A educação formal, fragmentada, ainda prevalece nas estruturas escolares e na educação das crianças e jovens. Como falamos, o aprendizado custa esforço, dedicação, compromisso e em muitos casos até sofrimento. Mesmo assim, observamos que ainda existe uma longa caminhada em direção a propostas mais contemporâneas e atualizadas de educação e, segundo nosso ponto de vista, deveriam envolver a comunicação, a fotografia e todas as outras mídias e tecnologias que hoje colonizam o universo juvenil.

Tendo a fotografia como fio condutor de todo nosso trabalho pudemos observar o grande potencial que ela tem no que diz respeito à educação das pessoas e quem sabe, de uma possível mudança e transformação social. Através das oficinas de fotografias, realizadas em ambientes

distintos de educação, pudemos nos dedicar, juntamente com os educandos, a refletir sobre os mais variados temas em relação a vida, a sociedade e o mundo em que vivemos.

Durante o trabalho pudemos detectar que a metodologia aplicada no projeto, que tem como alicerce a comunicação e a educação, conseguiu envolver os pequenos e jovens educandos de uma maneira natural, próxima e bastante eficaz. A maioria demonstrou grande interesse no trabalho e realmente se envolveu e se comprometeu com as oficinas de foto. O que nos leva afirmar que é urgente e imediato que as escolas e todas as pessoas que se dedicam a educação se dediquem a estudar e se instrumentalizar para envolver a comunicação em todo o processo educativo. Fotografia, cinema, vídeo, televisão e outras mídias não podem, nem devem ser deixados de lado nos projetos pedagógicos dos dias atuais. A experiência nas oficinas comprovou isso de várias maneiras, seja através do

interesse dos próprios educandos, seja na capacidade que a fotografia demonstrou em retratar a realidade vivida e provocar a reflexão sobre ela.

Entendemos, que através da fotografia e das mídias, os obstáculos gerados pela educação formal, fragmentada, serão menores. Diferentes disciplinas da educação formal e os mais variados conteúdos a serem “ensinados” e compartilhados com os educandos podem e devem se valer da fotografia, das mídias e de todos os aparatos digitais que as compõem. Isto ficou comprovado através das discussões geradas através do uso da fotografia como instrumento no processo educativo. Por outro lado também se constatou que ainda há muito que avançar nessa discussão e principalmente na implementação e execução de projetos educativos que envolvam esses instrumentos não tão formais.

Encontramos numerosas publicações acadêmicas sobre mídia, educação e novas tecnologias, mas acreditamos que ainda é preciso muita dedicação e investimento, seja financeiro ou intelectual, para que se possa estudar cada vez mais sobre esse tema, principalmente num tempo em que o uso das novas tecnologias só cresce e todas as estruturas e aparatos digitais que as compõem são muito dinâmicos e mudam a cada instante.

A prática pedagógica envolvendo a fotografia demonstrou que através dela é possível levantar discussões sobre muitos temas, conteúdos e disciplinas da educação, muito mais próximas da realidade do educando. A capacidade de captar a realidade em si que a fotografia possui estimulou as crianças e jovens a refletir sobre sua própria vida e sua relação com o mundo. A oportunidade de atuarem como personagens principais de suas próprias histórias,

proporcionada pela fotografia, pareceu aumentar a autoestima das pessoas, fez com que elas se sentissem reconhecidas, importantes, únicas. Ajudou na relação com o “outro”, com as diferenças, com a vida. Gerou envolvimento, dedicação e responsabilidade de uma forma leve, natural, divertida e atraente, uma vez que, como já comprovamos, o mundo digital faz parte e está diretamente vinculado com a realidade vivida das pessoas. A comunicação aplicada na educação muda o “plano do tempo”, diminui distâncias, aproxima.

Pudemos comprovar que projetos educacionais que envolvam fotografia podem ser aplicados em diferentes ambientes educacionais, formais e não formais e envolver educandos de distintos níveis sociais e intelectuais e pessoas de diferentes idades, sejam crianças, jovens ou adultos. A abertura dada pela escola, seus coordenadores e professores também comprova que os

ambientes educacionais carecem de projetos que envolvam a comunicação, daí a necessidade de mais investimento na formação de profissionais e educadores para atuarem nessa área, em consonância com os novos tempos.

Outro elemento que apareceu como bastante surpreendente na pesquisa foi a capacidade que as crianças demonstraram – apesar de serem de séries iniciais e muito jovens – em compreender o significado de “ver” que é intrínseco da fotografia. Muito mais do que os adultos que se preocupavam em garantir a qualidade técnica da fotografia, as crianças se deixaram levar pela capacidade de ver o mundo. Não esteve em questão, para as crianças, se as fotos saíam no foco, se estavam bem enquadradas ou com a luz necessária. Elas abriram seus olhos para a realidade, o cotidiano, a busca do único, do singular. Ao não racionalizarem sobremaneira a técnica, as crianças mostraram que estão

muito mais abertas á reflexão sobre **o que** se fotografa e não sobre o **como** se fotografa.

Assim chegamos ao final dessa jornada certos de que foi possível comprovar as hipóteses levantadas no começo do trabalho, de que a fotografia pode sim ser um poderoso instrumento no processo educativo nesta era digital. Que as crianças estão completamente abertas a novas práticas pedagógicas que respeitem suas demandas, que são capazes de inventar o novo, como ensinou Simón Rodrigéz e, desde aí protagonizar uma nova maneira de organizar e viver a vida. E mais, é urgente e imediato que a fotografia seja considerada como potencialmente eficaz para o processo educativo, sendo incluída nas escolas e em outros ambientes que envolvam a educação.

## **Bibliografia**

ANTONIO, Issac Camargo, *Reflexões sobre o pensamento fotográfico*. Londrina: editora UEL, 1997.

BARTHERS, Roland, *A câmera clara*. tradução: Júlio Castanõn. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BELTRÃO, Luis. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Editora Cortez, 1980.

BERGER, John, *Modos de ver*. tradução: Lucia Olindo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BETTO, Frei, *o que é comunidade eclesial de base*, São Paulo: Brasiliense, 1981.



BOFFI, Clodovis, *Como trabalhar com o povo*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BORDA, Orlando Fals. *Ciencia Propia y Colonialismo Intelectual*. México: Nuestro Tiempo, 1970.

BUCKINGHAM, “Crescer na era das mídias eletrônicas”, Editora Loyola, São Paulo, 2007.

BUSSELLE, Michel, *tudo sobre fotografia*. 6.ed. São Paulo: Editora Pioneira, 1993.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. (Tradução Álvaro Lorencini). São Paulo: NESP, 1999.

CANDIDA, Nancely Vieira: “*A estética do olhar: o ensino da fotografia sob o prisma do pensamento complexo*”, dissertação de mestrado, Universidade Nove de Julho, em 2007.

CASTELLS, Manuel, *a sociedade em rede*.  
São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORREA, Lenzi, ZANATA, da Rosi,  
ALVES, Ana Maria de Souza, MATOS,  
Marise Gonçalves, org, Florianópolis.  
Editora da UFSC, 2006.

CURY, Carlos R. Jamil. *Educação e  
contradição*. São Paulo: Cortez, 1995.

CUSSIÁNOVICH, Alejandro. "*Participacion  
Ciudadana De la Infancia desde el  
Paradigma del Protagonismo*", art. "*Il  
Congresso Mundial de Infancia  
Adolescencia y Exigibilidad de sus  
Derechos*", 2005.

DANTAS, Ivana Rêgo: "Ensino de Artes e  
Fotografia: Um Click na Educação",  
dissertação de mestrado, Universidade de

Sorocaba, em 2006.

DUSSEL, Enrique. *Ética de liberación en la edad de la globalización y de la exclusión*.

Valadollid : Trotta, 1998

DUSSEL, Enrique. *Filosofia da Libertação*, São Paulo, Paulus, 1995.

FANTIN, Monica, “Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos”, Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FANTIM, Mônica: “Crianças, Cinema e Mídia-educação: Olhares e Experiências no Brasil e na Itália”, tese de doutorado, UFSC, 2006.

FRANCOVICH, Guilherme, “Un Mago de La Ortografia”, La Paz, Última Hora, 1983)

FREIRE, Paulo, *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e formação humana: ajuste conservador e alternativa democrática*. in Gentilli, Pablo e Tomaz Tadeu da Silva. *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação*. 2 ed. Petropolis: Vozes, 1995.

GABARDO, Lucia Carmem, *Coleção Caminhos. Ensino Fundamental*. Curitiba: Base Editora, 2009.

GENRO FILHO, Adelmo. *O Segredo da Pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre : Tchê, 1987

HURTADO, Carlos Nuñez. *Educar para transformar, transformar para educar*. Petrópolis : Vozes, 1992

JAMENSON, Fredric, *As marcas do visível*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

KELLY, Celso. *As novas dimensões do Jornalismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1966.

LAGANÁ, Hylío Fernandes: “A fotografia como mediadora subversiva na produção do conhecimento”, tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

MARIA, Cícilia Krohling Perruzo, *Comunicação nos movimentos populares: uma participação na construção da cidadania*, Petrópolis: Vozes, 1998.

MARQUES, José de Mello, *comunicação e libertação*. Petrópolis, Vozes, 1981.

MERLEAU-PONTY, M. (1984). O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva.

MORAES, Fabiane Vasconcelos da Gama: “A Auto-Representação Fotográfica em Favelas:

Olhares do Morro”, dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

MORIN, Edgar. “Educar na era planetária”, São Paulo, Cortez, 2003.

MORIN, Edgar. “ Os Sete Saberes Necessários para Educação do Futuro. São Paulo, Cortez, 2000.

MORIN, Edgar, “*Cultura de Massa no Século XX. O Espírito do Tempo*. Neurose. 7ed. Rio de Janeiro: Florescente Universitária, 1987.

ORTEGA, Francisco A. Tomem o bom, deixem o mau: Simón Rodríguez e a educação popular. rev.estud.soc. [online]. jan./abr. 2011, no.38.

RANGEL, Susana Vieira da Cunha: “Educação e Cultura Visual: Uma trama entre imagens e infância”, tese de doutorado, Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

RIVOLTELLA, Pier Cesare, “*Perspectiva, Mídia-educação e pesquisa educativa*”, Florianópolis, UFSC, 2009.

RODRIGUES, Ana Elisabete de Carvalho Lopes: “Olhares Compartilhados – O Ato fotográfico como experiência alteraria e dialógica” tese de doutorado PUC – Rio, em 2005.

REUILLÉ, André, A fotografia: entre documento e arte contemporânea/ tradução Constancia Egrejas, São Paulo. Editora Senac, 2009.

TÓMAS, Catarina e SOARES, Natalía, “ *O cosmopolitismo da infância: uma causa justa*”,

art. “Vº-Congresso Português de Sociologia Contemporâneas; Reflexividade e Ação”, 2004.

VYGOTSKI, L. S. Imaginação e Criação na Infância. Série Ensaios Comentados. São Paulo. Editora Ática. 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2001), "Para uma Concepção Multicultural dos Direitos Humanos", Contexto Internacional, 23, 1, 7-34.

SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. As crianças, contextos e identidades. Braga, Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.



SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Coord.). Crianças e Miúdos. Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação. Porto. Asa, 2004.

THIOLENT, M. Pesquisa-Ação nas Organizações. São Paulo: Atlas, 1997.

